



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

JOSÉ AUGUSTO DE MENEZES KLÔH

O AFETO NA APRENDIZAGEM: um breve estudo sobre a afetividade na metodologia
de ensino de Joãozinho do Cavaco

RIO DE JANEIRO
2023

JOSÉ AUGUSTO DE MENEZES KLÔH

O AFETO NA APRENDIZAGEM: Um breve estudo sobre a afetividade na metodologia de ensino de Joãozinho do Cavaco

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música, do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ângela Monteiro Corrêa

Coorientadora: Profa. Dra. Monica de Almeida Duarte

RIO DE JANEIRO
2023

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

K66

Klôh, José Augusto de Menezes

O AFETO NA APRENDIZAGEM: um breve estudo sobre a afetividade na metodologia de ensino de Joãozinho do Cavaco. / José Augusto de Menezes Klôh. -- Rio de Janeiro, 2023.

52

Orientadora: Maria Ângela Monteiro Corrêa.

Coorientadora: Mônica de Almeida Duarte.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Graduação em Música - Licenciatura, 2023.

1. Afeto. 2. Aprendizagem. 3. Ouvir. 4.
Joãozinho do Cavaco. I. Corrêa, Maria Ângela
Monteiro, orient. II. Duarte, Mônica de Almeida,
coorient. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

O AFETO NA APRENDIZAGEM: um breve estudo sobre a afetividade na metodologia
de ensino de Joãozinho do Cavaco

por

JOSÉ AUGUSTO DE MENEZES KLÔH

BANCA EXAMINADORA

Maria Angela M. Corrêa

Professora Maria Angela Correa

Mônica de Almeida Duarte

Professora Mônica de Almeida Duarte

Lilia do Amaral Manfrinato Justi

Professora Lilia do Amaral Manfrinato Justi

José Nunes Fernandes

Professor José Nunes Fernandes

Nota : 10 (DEZ)

FEVEREIRO DE 2023

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.”

(Rubem Alves)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José e Célia (em memória), que sempre se empenharam em me proporcionar a melhor educação para minha vida sempre rodeada de afetos; pelos melhores ensinamentos. Gratidão! Amo muito vocês!

À minha amada companheira Cintia Carvalhaes e minha filha Elis, pelos papos, pelas cores, pelas brincadeiras, parcerias e desafios; por dividirem a vida comigo na sua plenitude. Amo!

Ao mestre, Joãozinho do Cavaco, pela amizade, cumplicidade de vida, por todos os ensinamentos, e sua querida família “Do Cavaco”, Eliana, João Felipe e João Victor por toda a amizade ao longo de duas décadas.

À minha querida orientadora, Maria Angela, pela oportunidade, disposição e por todo o afeto colocado nessa empreitada.

À professora Monica Duarte, pela sensibilidade, ouvido atento e palavras de ânimo. Por sempre estar presente.

À professora Lilia Justi, por sua imensa generosidade enquanto educadora e pessoa. Por me fazer pensar além do óbvio.

Ao professor José Nunes, que no início da minha trajetória acadêmica estendeu sua mão em momentos muito difíceis dentro desse novo universo. Pelas ações certas regadas de reflexões.

Aos meus mestres ao longo da minha trajetória, que me trouxeram mais que uma bagagem musical, uma bagagem de vida, em especial aos professores do Instituto Villa Lobos, pelas mais diversas orientações nesses anos todos de IVL.

Ao meu irmão Gustavo e todos os meus familiares, por me incentivarem sempre.

Aos meus amigos e amigas do IVL, da vida, com quem sempre busquei criar laços de afeto, de troca, de aprendizagem.

Gratidão por tudo!

KLÔH, José Augusto de Menezes. *O afeto na aprendizagem: Um breve estudo sobre a afetividade na metodologia de Joãozinho do Cavaco*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo expor como as relações de afetividade entre professor e aluno trazem consideráveis possibilidades de evolução na aprendizagem de crianças nas aulas de instrumentos de cordas dedilhadas do professor Joãozinho do Cavaco e como isso modifica a percepção dos estudantes do vasto mundo musical que os cerca. Por mais que diversos autores tenham abordado sobre o tema, como Vygotsky (2001), Tassoni & Leite (2001), Freire (1987, 2015), Wallon (1999), Tavares et al (2019), Markic (2017), Santana & Santana (2020), Bzuneck (2018), Rodrigues (2019), entre outros, é preciso reforçar a importância de uma educação pautada na afetividade para uma prática educacional irrestrita. A metodologia utilizada consistiu na análise de diversas bibliografias de grandes estudiosos das áreas que abarcam a aprendizagem e a afetividade como ponto de partida para uma educação plural e eficiente. Com base nos dados pesquisados, são descritas explicações sobre afeto, afetividade e aprendizagem, suas origens e seus efeitos sobre a motivação e o desempenho dos alunos com foco nas aulas de Joãozinho do Cavaco. Professor e músico da cidade de Petrópolis há mais de 40 anos

Palavras-chave: Afeto; Aprendizagem; Ouvir; Joãozinho do Cavaco

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – O afeto. Imagem gerada por inteligência artificial. Wombo.....	18
Figura 02 – A afetividade. Imagem gerada por inteligência artificial. Wombo	29
Figura 03 – João quando criança (04 anos). Acervo familiar.....	30
Figura 04 – João com sua mãe e esposa. Acervo familiar.....	31
Figura 05 – João com sua esposa e filho. Acervo familiar.....	33
Figura 06 – João com seu filho, João Felipe, no palco. Acervo familiar	33
Figura 07 – João com o grupo “Cordas & Vozes” e Luiz Gonzaga. Acervo familiar.....	34
Figura 08 – Uma das primeiras turmas de cordas. Acervo familiar	35
Figura 09 – Na Praça Visconde de Mauá. Petrópolis. Projeto pela Fund. Cultura.....	39
Figura 10 – João com alunos do projeto “Oficina de Música”. Acervo familiar.....	39
Figura 11 – Guto Menezes e Joãozinho do Cavaco em Master Class. Acervo familiar...53	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – Afetividade, afetos	10
1.1 - AFETAR E SER AFETADO: Uma mistura de emoções no âmbito escolar.....	12
CAPÍTULO 2 – Aprendizagem.....	18
2.1 - Aprendizagem: abordagens e conflitos.....	18
CAPÍTULO 3 – A escuta atenta-paciente nas aulas de Joãozinho do Cavaco: um breve relato sobre afeto e aprendizagem.....	28
3.1 Resumo biográfico	28
3.2 Educar através do afeto e da “escuta atenta”	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A ideia inicial desse texto veio das vivências que tive com o professor Joãozinho do Cavaco ao longo de mais de 10 anos de trabalho conjunto. Acompanhar o trabalho desse professor mostrou o quanto se pode ter belíssimos resultados quando seu trabalho é pautado na afetividade e na escuta atenta nesse processo intenso que é a aprendizagem. Por mais que diversos autores tenham abordado sobre o tema, como Vygotsky (2001), Tassoni & Leite (2001), Freire (1987, 2015), Wallon (1999), Tavares et al (2019), Markic (2017), Santana & Santana (2020), Bzuneck (2018), Rodrigues (2019), entre outros, é preciso reforçar a importância de uma educação pautada na afetividade para uma prática educacional irrestrita.

Para tal, faz-se necessário crer que o processo pedagógico é um ato de amor e dedicação. Sabemos que no meio transitam inúmeros motivos que atuam diretamente no processo de ensino e aprendizagem, e observaremos nesse estudo um fator determinante que precisa ser levado em conta, que é a relação interpessoal e de afetividade entre professor e aluno, que faz do educador parte crucial desse processo, pois é por ele que a aprendizagem se concretiza. (Tavares et al, 2019). O escutar é definido aqui como um aspecto da sensibilidade que nos faz estar atento, através de atitudes, discursos, ações e emoções. O conceito está relacionado ao ouvir com atenção e dedicação, o que é esquecido nos dias atuais dentro do processo educacional.

A metodologia utilizada consistiu na análise da bibliografia de grandes estudiosos das áreas que abarcam a aprendizagem e a afetividade como ponto de partida para uma educação plural e eficiente. Com base nos dados pesquisados, são descritas explicações sobre afeto, afetividade e aprendizagem, suas origens e seus efeitos sobre a motivação e o desempenho dos alunos com foco nas aulas de Joãozinho do Cavaco, Professor e músico da cidade de Petrópolis há mais de 40 anos.

Este estudo tem como intuito expressar que a educação é a oportunidade que os educadores têm em experienciar o afeto, dentro de um ambiente estimulante, seguro e tranquilo, fazendo com que a criança tenha um desenvolvimento saudável e se sinta acolhida em toda sua individualidade. A afetividade é fundamental no processo evolutivo, por apresentar um período de adaptação às transformações físicas e a convivência social,

constituindo um novo estágio da vida fora do seu ambiente de conforto e, assim sendo, passando a se relacionar e criar laços no espaço em que está inserido.

CAPÍTULO 1

Afetividade, Afetos

Considerando a importância dos temas e todas suas contribuições para esta monografia e outras centenas de trabalhos acadêmicos, vamos tentar separar por ora estes dois assuntos. Apesar de serem termos relacionados, *afeto* e *afetividade* possuem significados distintos. A palavra *afeto*, de acordo com o Dicionário Michaelis, significa “expressão de sentimento ou emoção como, por exemplo, amizade, amor, ódio, paixão etc.”; e o vocábulo *afetividade* como “conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos; a capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos” definidas dentro do contexto da psicologia moderna, onde manteremos a nossa atenção.

Propor uma definição mais precisa e restrita da palavra *afeto* torna-se uma árdua tarefa, extremamente complicada, podendo não retratar devidamente o que os diferentes estudos como a neurociência, a filosofia, antropologia e a literatura definiram ao utilizar esta terminologia. Encostar-se no senso comum reforçando o termo aos sentimentos positivos (amor, carinho, gratidão) ou negativos (raiva, tristeza e desprezo) direcionados a alguém, um animal ou algum objeto, também manteremos a discussão em rasos receptáculos de informações. A proposta que nos guiará daqui pra frente será a utilização do termo *afeto* dentro do contexto da psicologia “como estados passageiros vivenciados segundo o conteúdo do pensamento” (BALDAÇARA et al, 2007, p. 3). Quanto ao termo *afetividade*, o trataremos como um conjunto de “emoções, sentimentos e afetos” (TASSONI, LEITE, 2011, p. 3) que influenciam o comportamento humano. Nosso interesse é compreender como a *afetividade* se manifesta dentro do ambiente escolar. Como o próprio nome propõe, os afetos demandam acesso total no âmbito da eventualidade, pois estão diretamente conectados a todos os espaços do inesperado, do imprevisível. Tratando de outra maneira, são capazes de aclarar a capacidade de impactar tudo ao nosso redor e como seremos afetados por esse todo; estando estes em correlação mútua a todo instante.

A *afetividade* tem vínculos históricos com o desenvolvimento humano desde os primórdios, caminhando lado a lado com a evolução do homem e da sociedade que hoje conhecemos. Mas para a ciência moderna a *afetividade* - tratada como um objeto de

estudo - concentra-se especificamente à partir do século XX. Segundo grifo de Barbosa (2020) citando Antunes (2008):

a origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência. (ANTUNES, 2008, p.1 *apud* BARBOSA, 2020, p.1)

Entender que a sobrevivência da espécie está diretamente ligada aos sentimentos afetivos gerados dessas vivências com o todo ao seu redor é um bom caminho a seguir. Aprendemos como lidar e manifestar os nossos *afetos* através da observação e da interação com outras pessoas. Seria um bom pressuposto se nos apoiássemos na ideia de que as relações dar-se-ão construtivas e evolutivas quando pautadas no olhar atento e ouvidos abertos as necessidades e angústias da criança. É inegável que cada cultura tem suas próprias normas e expectativas sobre como os *afetos* devem ser expressos e lidos, mas a expansão da civilização fez com que a *afetividade* apresentasse maior relevância nas discussões interpessoais, principalmente no universo escolar. Mesmo sabendo que o seu início acontece na esfera da família, desde o seu nascimento, os laços afetivos moldados que perdurarão durante sua trajetória de vida, transferidos de geração a geração, serão formados a partir dessa contínua interação com o meio e com o próximo.

Desde os primórdios as relações entre professor-aluno foram e continuarão a ser motivo de preocupação das pessoas relacionadas com a educação, visto que esses sentimentos são mecanismo fundamental para a sobrevivência da humanidade (BARBOSA, 2020, p. 1 *apud* ANTUNES, 2008, p.1).

Sendo assim, em termos psicanalíticos podemos dizer que o afeto é a manifestação da energia pulsional e de suas mutações, em sua totalidade na natureza humana. (Penna, 2017)

1.1 - AFETAR E SER AFETADO: Uma mistura de emoções no âmbito escolar

As crianças, por serem providas de emoções e sentimentos em constante conflito, demandam nutrir relações de carinho e amor a todo espaço que transitam (Tavares et al, 2019). Tratando-se do ambiente escolar precisamos entender que o progresso da criança no contexto socioafetivo é de responsabilidade, em partes, da escola. Esse desenvolvimento é uma via de mão dupla entre escola e família. A instituição escolar, mesmo vigilante nas questões emotivas, não tem como função a promoção do “ajuste afetivo, a saúde mental, ou mesmo a felicidade dos alunos” (Davis, Oliveira, 2010, p. 101). Davis & Oliveira ainda nos conduzem a compreender que esta tarefa é realizada em conjunto entre todos os setores da sociedade, sejam eles sociais, políticos ou econômicos. É inegável que a participação ativa da escola nessa formação, proporcionando um ambiente seguro e estável, surtirá efeitos positivos consideráveis, onde será fortalecida a figura do professor nesse contexto. Mas o que sabemos ao longo de vários estudos e pesquisas na área científica é que esse desenvolvimento afetivo começa em casa, no primeiro contato com o espaço onde a criança está inserida.

A escola tanto quanto a família tem o seu papel no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno, por ser de natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento. Os conflitos que podem surgir dessa relação desigual exercem um importante papel na personalidade da criança. (BARBOSA, 2020, p. 2 *apud* ALMEIDA. 2005, p. 106.)

Usar a *afetividade* como uma ferramenta é a chave para uma educação mais participativa, de olhos e ouvidos atentos as necessidades individuais da criança. Para isso é preciso que esta construção *afetiva* seja constituída desde o seu nascimento. A criança, ao receber *afeto*, materno e paterno, vindo de ambos os lados, começa a reconhecer diferentes aspectos. Sente que é amada, que é cuidada, que está protegida, e essa necessidade inerente do ser é imprescindível para a formação da sua autoconfiança, do seu desenvolvimento, combustível para a sua autoestima. E isso tudo começa em casa. (Barbosa, 2020)

A perspectiva trazida por Oltramari & Razera (2013) nos leva a pensar e associar a formação da humanidade análoga a concepção de um imóvel. Não comparando-os como um projeto matemático de cálculos precisos, mas em termos de estrutura, de alicerces bem definidos.

O que pode ser usado como analogia é a importância de uma base sólida nos primeiros tempos, que são determinantes na vida do sujeito. Diferentemente dos animais, que para sobreviverem necessitam adquirir rápida autonomia, a cria humana precisa, excepcionalmente, da presença de um adulto que olhe, que cuide, que dê sentido às vivências desse bebê que ainda não se enxerga como diferente desse outro e que, gradativamente, irá adquirindo uma imagem própria de acordo com a qualidade dessa relação. Entendendo a sua complexidade entre o menor e seus cuidadores, justifica-se a defesa da afetividade como o melhor para a criança. O vínculo socioafetivo como uma nova forma de filiação surge, derrubando velhas paredes do preconceito, abrindo novos caminhos e conceitos para as famílias engessadas pelos poderes paternos, muitas vezes, vazios de afeto. (OLTRAMARI & RAZERA, 2013, p. 02)

Considerando que cada ambiente familiar tem seu próprio sistema de condutas e particularidades, e que os elos traçados entre filhos e pais ao longo da primeira infância são constituídos por uma mistura de vivências, individualidades, trocas, perspectivas, nos mostram o quanto as relações afetivas desde cedo trazem inúmeros benefícios, não somente de natureza emocional, mas de natureza físico-química. Atente-se ao grifo de Tavares et al (2019) sobre o efeito das emoções, dos *afetos* dentro dos estudos da neurociência.

[...] cabe citar o trabalho de Luck (1983:20) que afirma que:

Mesmo tratando-se de comportamento predominante psicomotor, como é o caso dos exercícios físicos e da realização de trabalhos manuais, nem por isso deixam de estar menos presentes os componentes afetivo e cognitivo. As emoções fazem com que as glândulas suprarrenais sejam estimuladas e lancem na corrente sanguínea maior quantidade de adrenalina, o que estimula o ritmo da respiração e das batidas do coração que, por sua vez, levam o fígado a liberar maior quantidade de glicose para o sangue de maneira a alterar o metabolismo e a possibilitar ao homem maior dispêndio de energia. (LUCK, 1983, p.20 *apud* TAVARES et al, 2019, p.03)

Um número imenso de moléculas de neurotransmissores está em constante trabalho para manter o funcionamento do nosso cérebro, deixando tudo na mais perfeita ordem. Desde as coisas mais óbvias, como respirar e fazer seu coração não deixar de bater, até os níveis mais complexos como o do aprendizado e da concentração. Também podem afetar várias funções psicológicas, como medo, humor, prazer e alegria. (Cherry, 2022). A neurociência também tem identificado que neurotransmissores e hormônios

como a serotonina, dopamina e cortisol, estão envolvidos na regulação das emoções. Estes hormônios e neurotransmissores trabalham juntos para auxiliar a regular as respostas emocionais e a influenciar como as pessoas se sentem em relação a eventos específicos.

Para Cagnin o termo *afeto*, e outros análogos a este, dentro do contexto científico ganha um significado mais amplo incluindo não somente os estados emotivos em si, mas “também os estados mais difusos de humor, os sentimentos ou qualquer outra manifestação de caráter afetivo” (Cagnin, 2008, p. 02). Ao analisarmos - dentro de uma perspectiva científica - uma melhor compreensão dessas emoções, entendemos que estas englobam “aspectos cognitivos, afetivos, viscerais, hormonais, reações imunológicas, expressões corporais e vocais, dentre outras manifestações fisiológicas e comportamentais”. (Cagnin 2008). A autora ainda continua sua explanação propondo – brevemente - a colocação de Damasio (2004) sobre o entendimento científico dessas emoções:

Para Damásio (2004), uma emoção propriamente dita seria um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto e têm um papel regulador em relação à vida, sendo estas respostas produzidas quando o cérebro normal detecta um estímulo emocional competente (EEC), ou seja, o objeto ou evento cuja presença real (ou recordada) desencadeia a emoção. Por sua vez, o cérebro está preparado para responder a certos EEC com repertórios de ação especializados (alguns desses EEC foram adquiridos pela experiência, outros foram mais prescritos pela evolução). Por último, o resultado imediato dessas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e dos estados das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e dão suporte para o pensamento, sendo o resultado final desse processo a colocação do indivíduo em circunstâncias que, direta ou indiretamente, levam à sobrevivência e ao bem-estar do mesmo (DAMÁSIO, 2004, p. 61 *apud* CAGNIN, 2008, p. 3)

Já nos foi amplamente ensinado em diversos estudos sobre a mente humana que as emoções não só facilitam a estruturação e reestruturação de práticas presentes e futuras, mas também são “facilitadoras do desenvolvimento do processo de aquisição de novas informações e de novos conhecimentos” (FONSECA, 2016).

Dentro do campo da educação saliento os estudos de Henri Wallon que foram respaldados tanto na biologia do sujeito quanto no meio que o cerca, e o que o afeta nesse sentido. O sujeito já nasce com seu aparelho orgânico regado de recursos pré-

estabelecidos que orientarão seu desenvolvimento, mas o contato com o universo que o cerca é que estimulará o desenvolvimento dessas potências (SALLA, 2011). Para Wallon a *afetividade* é manifestada de três modos: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão. Essas expressões se mostrarão ao longo da trajetória do sujeito, evoluindo do estágio sincrético para o diferencial.

Para o educador francês a *emoção* é a primeira demonstração da *afetividade*, a mais expressiva para o autor. Tem o seu início de modo orgânico, sem ser dominada pela razão. Outro modo seria o *sentimento*, por possuir ligação aos processos de cognição, sendo a tradução das sensações que uma criança passa, mas já lhe conferindo a capacidade de expressar o que lhe afeta. E, por fim, a *paixão*, manifestando-se o domínio aprendendo a lidar com nossos medos sem que eles nos rejam, ao saber que estamos em risco, em ameaça, por exemplo. (SALLA, 2011). A afetividade também é:

[...] um domínio funcional através do qual o desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. A este respeito diz: "... a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente". (Wallon, 1975, p. 288 *apud* TAVARES et al, 2019, p. 4).

Podemos reiterar que a afetividade tem papel importantíssimo nos diferentes estágios de desenvolvimento da criança, desse "ser por fazer-se; um ser no mundo com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo" (Freire, 2010 *apud* Tavares et al, 2019). Para que esse "ser por fazer-se" crie "asas livres" é imprescindível que as unidades de ensino componham procedimentos e habilidades educacionais que reforçarão o amadurecimento das emoções e sentimentos, mais até que eficiência cognitiva, proporcionando uma aprendizagem mais leve e agradável.

Conforme a teoria de Wallon, nas etapas do desenvolvimento humano encontraremos a *afetividade* atuando em diferentes níveis, levando em consideração a inevitável inter-relação presente nessas etapas, concretizando esse sujeito como uma pessoa socialmente e culturalmente inserida no ambiente que habita. (BARBOSA & SALGADO, 2014)

Voltando a esfera escolar, o processo de evolução da criança torna-se possível quando essa relação é construída visando tratar aspectos motores, sociais, emocionais e

culturais, englobando todas perspectivas o convívio entre professor, aluno e instituição de ensino. (MARKIC, 2017). “Quanto mais o educador tiver consciência do que está presente nas dinâmicas estabelecidas na relação direta com os alunos, maior será a chance de utilizar os recursos corretos para auxiliar o aprendizado”. (MARKIC, 2017, p. 3).

Discutir sobre o afeto dentro do contexto da escola é trazer um novo significado para a mesma, proporcionando diversos modelos de práticas e suas realizações. No ato de aprender, atento as necessidades do estudante, o professor estabelece um comprometimento ao criar mecanismos para concretizar essa experiência, tornando-a mais eficaz e intensa através da afetividade. (COSTA, 2018). Enfatiza que, apesar das dificuldades, “devem-se encontrar as brechas para desenvolver na prática aquilo que se acredita. As práticas dos professores e sua dedicação aos alunos revelam, além de comprometimento, afeto.” (COSTA, 2018, p. 2).

E como encontrar essas aberturas para construir práticas educacionais mais eficientes e pautadas na afetividade? Rubem Alves recomenda em sua coluna para o jornal Folha de São Paulo que professores e alunos, antes de entrar numa escola, precisariam conhecer o funcionamento de uma cozinha. Os cozinheiros detêm do entendimento de que o preparo de grandes pratos não se inicia com servir a comida apenas, mas com a fome. O cozinheiro de verdade é aquele que tem a habilidade de provocar a fome.

Relata que ao visitar uma parente no exterior, dotada de práticas severas e muito rigorosas, não aceitava a possibilidade de uma criança deixar comida no prato. Seus filhos, com temor pelo o que pudesse acontecer não deixavam de comer, mesmo não tendo fome. Ainda reitera que parou o carro algumas vezes para que pudessem vomitar o jantar espartano da família. O corpo rejeita a comida quando não há fome, e a expeli quando é forçado a isso.

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (RUBEM ALVES, 2002, p. 1)

Na educação, ajudar a desenvolver habilidades e conhecimentos importantes, bem como a formação de valores e atitudes positivas, trabalhando os recursos emotivos que aparecerão nesses processos, contribuimos para a construção de uma escola mais

participava e inquieta. Se, ao invés disso, o professor escolher facilitar o conhecimento adquirido simplesmente por curiosidade ou interesse pessoal, sem qualquer intenção de aplicá-lo em situações práticas, objetos específicos, em vivências exploratórias, estará investindo numa educação infértil, prejudicando a formação de crianças que não refletirão sobre as necessidades e dificuldades do viver coletivo, sem conseguir habitar empaticamente nesse processo.

Precisamos aflorar esses pensamentos, regá-los de afetos, e trazer à tona o “experimental” através das dúvidas, das alegrias, frustrações, das reais experiências do corpo social que estamos inseridos. Assim sendo, o professor teria a mesma atribuição de um cozinheiro, de acordo com Rubem Alves. Ele precisa “antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome...” (Rubem Alves, 2002), pois, se estiver faminto, mesmo que não tenha a “faca e o queijo”, construirá caminhos para solucionar das mais simples à árduas tarefas, enxergando que “[...] o pensamento é a ponte que o corpo constrói a fim de chegar ao objeto do seu desejo.” (Rubem Alves, 2002). E que o nosso maior objeto de desejo seja a interminável aprendizagem das emoções nesse complexo organismo vivo.



FIGURA 1 – *O afeto* (criado por Guto Menezes Inteligência artificial. |dream.ai/create|)

CAPÍTULO 2

Aprendizagem

2.1 - Aprendizagem: abordagens e conflitos

A aprendizagem toma um espaço singular na nossa vida, pois todas as realizações que executamos ou criamos são movimentos que acompanham o ser humano ao decorrer da sua caminhada (FERRO, 2017). Veremos ao longo do texto como é dificultoso explicar sobre uma aprendizagem autêntica sem falar de *afetividade*. Procuraremos evidenciar no panorama escolar a relação “professor x aluno” trabalhada nesse cenário.

No Capítulo I pudemos identificar que a *afetividade* é uma facilitadora no processo de desenvolvimento da criança, pois pelo contato com o outro e as vivências adquiridas no meio, na infância, que estabelecemos vínculos afetivos e, assim, particularizamos a nossa evolução. (RODRIGUES, 2019). Posto isto, destacar a relevância da afetividade para uma dinâmica educativa irrestrita é entender que uma abordagem pedagógica se torna ineficaz quando não há afeto envolvido. (RODRIGUES, 2019)

Nesse sentido vários estudiosos apontam que a afetividade pode propiciar uma aprendizagem significativa. Para Freire a “concepção antropológica é marcada pela ideia de que o ser humano é um ser inacabado; não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo” (2010, 221). Portanto cabe ao educador desenvolver a pedagogia do amor, através dela se encontra o sentido maior do ser humano. Para Freire onde há vida, há inacabamento. (2015, 50) (FREIRE, 2010, p. 221; 2015, p. 50 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 2)

A singularidade de cada aluno deve ser encarada pelo professor como um dos seus principais fundamentos enquanto educador que, ao desenvolver sensibilidade e o olhar crítico, estará apto a adentrar no universo da criança. Esse educador é um dos principais responsáveis em criar esses vínculos afetivos, que poderão contribuir positiva ou negativamente para o aprendiz. Desde a sua origem a criança necessita que as relações afetivas de casa, posteriormente, se estabeleçam no ambiente escolar, pois propiciam despertar a vontade, o desejo, o amor pelas tarefas da escola. (RODRIGUES, 2019)

Diante disso, podemos reiterar que a *afetividade* é essencial para evolução do homem, por suas conexões e laços criados ao longo da sua vida, dessa forma viabilizando uma aprendizagem em sua plenitude. (RODRIGUES, 2019)

Quando a criança entra na escola, sua importância se torna mais evidente ainda, por meio da relação professor e aluno. Sobre as reações emocionais Vygotsky diz que:

“As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam ensinadas e instigadas emocionalmente. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente.” (VYGOTSKY, 2003, p. 121 *apud* RODRIGUES, 2019, p. 5)

Esse conjunto de métodos que asseguram adequação mútua de um conteúdo, carece de processos e estratégias que acordem com metas estabelecidas pelos docentes. Desse modo, destacamos a marcação feita por Brighenti et al (2015) citando Nérie (1978), no qual definem a metodologia do ensino como um “conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino”, ainda estendendo a definição ao referir que “esse conjunto de métodos são utilizados com o intuito de alcançar objetivos do ensino e de aprendizagem, com a máxima eficácia e, por sua vez, obter o máximo de rendimento.”

Não se pode, portanto, dizer que o conhecimento didático representa um conjunto de conceitos específicos e inalteráveis. Manifestando essa compreensão, a autora Brighenti et al (2015) ao citar Tardif (2000) nos guia a compreender que as ciências, o conhecimento assimilado e planejado pelos professores, numa série constante de aprendizagem, mostra-nos “que o professor aprende de forma progressiva e, com isso, se insere e domina seu ambiente de trabalho.”

Os estudos relacionados à formação e profissão docente, orientam para a necessidade de uma revisão da compreensão das práticas pedagógicas dos professores. Com isso, considera-se que o docente em sua trajetória profissional, constrói e reafirma seus conhecimentos, levando em conta a necessidade de sua utilização, suas experiências, e seu percurso na formação (NUNES, 2001 *apud* BRIGHENTI et al 2015, p. 3).

E como identificar essas particularidades na relação afetividade x aprendizagem dentro da prática pedagógica? Para esta resposta inúmeros estudiosos contribuíram, e continuam contribuindo em sua definição. Considerando os mais pesquisados, será relevante apresentarmos algumas perspectivas, com uma breve abordagem dessas etapas de desenvolvimento da criança por eles referida. Destacaremos para os trabalhos de Vygotsky (1992), Freire (2015) e Wallon (2005) durante este capítulo.

Sem nos preocuparmos com uma ordem cronológica, iniciaremos com o psicólogo russo Lev Vygotsky que, estudando sobre as funções psicológicas superiores, apresentou-nos uma perspectiva de que a medula estrutural dessa evolução afetiva, cognitiva e física será a interação social, sendo hoje uma das atuações mais utilizadas dentro do contexto educacional. Todo pensamento possui uma conduta afetiva que lhe é atribuída, relacionada ao contexto que se aplica. Isto evidencia que no ato de ensinar a aprendizagem não deve estar deslocada da vivência prática do indivíduo, pois é na vivência que a afetividade se apresenta. (SANTANA & SANTANA, 2020).

Por sua vez o filósofo e psicólogo Henri Wallon conferiu a importância da afetividade como algo de natureza social, pois é nos movimentos construtivos do seu “Eu” e das relações em que está inserido são estabelecidos durante a elaboração das emoções. (SANTANA & SANTANA, 2020).

Nos termos de Alexandroff:

Estamos vivendo uma época de mudanças alucinantes. O mundo atual é movido pelas transformações da tecnologia e pela indústria de consumo. É o chamado Pós Modernismo, em que há um forte predomínio da homogeneização e da massificação, impedindo as pessoas de interagirem mais umas com as outras. A repetição e a padronização têm trazido uma mesmice camuflada de novidade. Vivemos bem mais próximos dos nossos semelhantes, mas nunca estivemos tão distantes (ALEXANDROFF, 2012, p.51 *apud* SANTANA & SANTANA, 2020, p. 3)

Isto posto, é habitual registrar diálogos de alguns professores a ideia de se distanciar do seu corpo discente, abordando exclusivamente o essencial com o intuito de promover mais temor do que o respeito. Com o propósito de edificar a figura de um professor autoritário (no pior sentido de “autoridade”), desenvolve argumentações convenientes para a ausência do som, silenciando por inteiro a possibilidade de intervenção do próximo, produzindo um ambiente de encarceramento de ideias e

sentimentos. Esta perspectiva trazida por Santana & Santana ainda nos relata que as variantes são, no entanto, “reduzidas à prescrição de um padrão artificial de atuação que dificulta a criação de vínculos. Um ciclo caótico de insucessos é delineado, levando ao “desencanto” do ensinar e ao fracasso no aprender” (SANTANA & SANTANA, 2020, p. 3).

“Essa verticalidade oferece lenha às fogueiras das vaidades intelectuais, alimenta uma arrogância acadêmica que contribui para cavar ainda mais, no interior de nossas escolas e universidades, o abismo entre alguns professores (considerados como os senhores da verdade) e os alunos (encarados como os depósitos dessas verdades). Nessa lógica, a educação adquire um tom impositivo, antidialógico, estático e mecânico. As práticas pedagógicas assumem uma robustez autoritária, cujas palavras docentes, ingenuamente mergulhadas no mar das “verdades absolutas”, põem fim ao próprio movimento do pensar, enclausurando as infundáveis possibilidades da ação humana diante do desafio de entender a Si, o Outro e o Mundo.” (LIMA & CÂMARA, 2009, p. 2)

Corroborando esse entendimento podemos ainda evidenciar a elucidação proposta por Freire no grifo abaixo trazendo destaque para o discernimento quanto a perícia enquanto educador.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 2002, p.39 *apud* ANDRADE, 2021, p. 18)

Melhorando essas práticas o educador vai fortalecendo mecanismos eficazes de aprendizagem utilizando ferramentas como a música, por exemplo. A mesma pretende - no ambiente educacional – auxiliar na composição de indivíduos questionadores e desbravadores de suas crenças e condutas, mas para tal efeito se faz necessário a abordagem desde os primeiros anos de vida da criança, possibilitando uma aprendizagem leve, distinta e prazerosa. Complementando com o educador, que se torna o ator principal mediador desse processo, cabendo a ele expandir suas propostas pedagógicas utilizando a arte musical. (ANDRADE, 2012).

Sendo assim, crianças que recebem estímulos musicais adequados, aprendem a ler e a escrever com mais facilidade, percebe-se também que a música ajuda

no processo de alfabetização, na concentração e percepção. (ANDRADE, 2012, p. 18)

Pensando nas infinitas possibilidades de mediações e de metodologias previamente levantadas em distintos estudos outrora dissertados, em nenhuma delas conseguiremos separar o desenvolvimento sem a presença da afetividade. Um educador contribui com o “desenvolvimento da autonomia, autoestima e interrelação da criança com o seu ambiente e sociedade” (Rodrigues, 2019, p. 6) quando se utiliza da *afetividade* como sua maior e mais eficaz ferramenta de trabalho. “O educador, que é o mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, deve dar oportunidades aos alunos de vivenciarem espaços e situações, de forma que os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam bem articulados.” (Mendonça & Tavares, 2008 *apud* Rodrigues, 2019, p. 6).

Para que essa articulação seja, digamos assim, de sucesso no decorrer do ofício da docência, principalmente nas tarefas de integração, constitui-se indispensável que o docente se mantenha reciclado no que diz respeito as transformações diárias desse ambiente. Mais que conhecer toda a matéria é preciso estar capacitado para compreender os seres presentes e o local onde está inserido. (Tavares et al, 2019). “O fato de vivenciar uma relação positiva através do diálogo e da proximidade contribui muito para um ambiente prazeroso de ensino e aprendizagem.” (Tavares et al, 2019, p. 7)

Para Lopes (2009) Paulo Freire já demonstrou em diversos experimentos que a interação entre professor e aluno, é fundamental para a construção da afetividade que viabiliza a aprendizagem. Além disso enaltece o diálogo como uma ferramenta significativa na composição dos indivíduos. O autor ainda sustenta o pensar de uma experiência pedagógica pautada no diálogo - por uma parcela dos docentes - se os mesmos adotarem o diálogo na qualidade de manifestação humana, competente em impulsionar a reflexão e ação desses seres. Freire ainda renova essa compreensão, mais adequada para o exercício da pedagogia, dizendo que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem

consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 51 *apud* LOPES, 2009, p. 5).

Desse modo, quão grande for o entendimento do professor quanto a importância do diálogo em sua classe, este adquirirá evoluções consideráveis, tornando-os mais entusiastas e motivados a modificar suas vidas. O educador que opera por esse viés não será notado apenas como um condutor de informações, e sim como um moderador instruído a encadear as vivências dos seus alunos com todo o meio que se insere, aprofundando sobre as questões presentes no seu dia-a-dia, tomando pra si uma atuação mais humanizadora em seu desempenho enquanto docente. (LOPES, 2009).

O epicentro de ordem pedagógica para Vygotsky são os conceitos de interação social e mediação, que estão diretamente ligados ao desenvolvimento humano. A conduta do educador é, segundo esta visão, de extrema relevância, pois desempenha a função de mediador da aprendizagem. Quanto melhor a qualidade da mediação, mais progressos e realizações do estudante, aumentando o nível da aprendizagem naquele espaço. (LOPES, 2009).

Lopes nos inspira se projetarmos a ideia de uma educação nos moldes do *processo de interação* de Vygotsky pois, nos leva a idealizar um ambiente de “construção, de valorização e respeito” onde os estudantes são instigados a refletirem em grupo, e não somente fazerem o que quiserem, como quiserem. (LOPES, 2009).

Na teoria de Vygotsky, é importante perceber que como o aluno se constitui na relação com o outro, a escola é um local privilegiado em reunir grupos bem diferenciados a serem trabalhados. Essa realidade acaba contribuindo para que, no conjunto de tantas vozes, as singularidades de cada aluno sejam respeitadas. Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno. (LOPES, 2009, p. 6)

Tratando-se dos conceitos de Wallon que, ao discorrer sobre o conteúdo afetivo afirma que ele funciona como impulsionador central que estimulam a evolução e o melhoramento dos indivíduos, mostra ser essencial que a instituição prepare a classe como um frutífero ambiente de relações entre docentes e discentes. Considerando esse panorama de interação e resistência, onde em boa parte do tempo as relações harmoniosas estão perto de ser irrealizáveis, aconselha-se reforçar novamente o diálogo como ferramenta fundamental nos tratos e convivências com o outro. (Lopes, 2009). Para Wallon a aprendizagem vai acontecer a partir da relação da criança com o movimento e a afetividade, sendo o professor um fortalecedor de vínculos, trabalhando a todo momento a confiança. O ponto central da sua teoria é a psicogênese; nela, o papel do outro na construção do conhecimento é indiscutível; o movimento e a brincadeira são imprescindíveis para o desenvolvimento da criança; a emoção ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento do sujeito, em especial a criança; o desenvolvimento cognitivo e afetivo se constrói em estágios de maneira descontínua; todos os âmbitos educativos devem integrar as dimensões cognitiva, afetiva e motora.

Podemos assim dizer que educar é promover o desenvolvimento intelectual e pessoal do aluno. É concentrar esforços em projetos e ações educativas que incentivem a colaboração deles preparando-os para uma participação ativa, com criatividade e senso crítico perante a sociedade, facilitando a aprendizagem. Para um entendimento melhor do que estamos discutindo nesse conteúdo, retomaremos a alguns conceitos acerca da aprendizagem escolar, e duas dessas abordagens serão levantadas no decorrer do texto, grifadas em Lopes (2019), por estarem conectadas as ideias deste projeto. Além da abordagem “Tradicional” temos a “Comportamentalista”, e a “Cognitivista”. Nosso enfoque será conciso, porém pautado nas ideias de cunho humanista dentro de um contexto sociocultural, que falaremos mais adiante.

A primeira abordagem que trataremos é a abordagem *humanista*. O foco desta é o aluno. Para Lopes (2019) *apud* Mizukami (1986) “a ênfase dessa teoria ocorre por meio das relações interpessoais e do crescimento que delas resulta” (p.12). Diante disso o esmero do educador se aplica em assessorar, estar disponível para seus estudantes, na possibilitando a aprendizagem, tendo como meta principal “liberar a sua capacidade de autoaprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional.” (Mizukami, 1986, p. 45). Toda informação recebida origina-se das

vivências do discente, tornando-se apto a descobrir por si mesmo todo o conhecimento que lhe foi oferecido.

No que diz respeito a abordagem “Sociocultural”, a segunda que apresentaremos, o foco muda. Fica extinta a relação autoritária do docente nessa teoria. A complexa relação professor – aluno acontece horizontalmente, sem imposições. O exercício pedagógico do educador e do estudante se direciona para uma “prática histórica real”. Lopes (2019) ainda citando Freire (1975) expressa que:

“o educador e o educando são sujeitos do processo educativo, ambos crescem juntos nessa perspectiva”. (Lopes, 2019 *apud* Freire, 1975) “O professor e o aluno trabalham procurando desmistificar a cultura dominante. Dessa forma, à medida que os alunos participam do processo de construção do conhecimento, mais críticas se tornarão suas consciências. Com essa rápida retomada das principais teorias que contribuíram historicamente no processo ensino-aprendizagem, é possível perceber que sempre houve uma preocupação, por parte da sociedade, em adequar as teorias às realidades de cada período histórico”. (FREIRE, 1975 *apud* LOPES, 2019, p. 13)

Em mais uma análise da pedagoga Lopes (2019) citando Gasparin (2005), a teoria Histórico-Cultural de Vygotsky reforça a importância das experiências que os educandos carregam de suas casas, assim como encoraja a aprendizagem daquelas que os alunos necessitam dominar. Para esse aluno é primordial sentir-se incentivado, reconhecido no processo que está inserido e, dessa forma, seguro de si, poder expor o que está aprendendo e o que lhe será mais interessante ainda desbravar, permanentemente discutindo acerca do que será exercitado, elaborado. Para tal efeito, o educador precisa ser capaz de formular as questões mais importantes, atestando uma ação vigorosa dos discentes dentro do processo. São dessas ocasiões de confronto entre as experiências transmitidas pelos docentes e os estudantes que a aprendizagem se dá através de uma rica e prazerosa vivência podendo, assim, diferenciar analiticamente as relações teóricas e práticas. Dessa maneira propiciará “que o aluno crie, recrie e incorpore o conteúdo que está sendo trabalhado em sua vida” (Lopes, 2019, p. 14) mas se conseguir sistematizar esse conteúdo. Através da mediação em abundância, conduzirá os discentes a constatar os fundamentos teórico-práticos que foram levantados na temática que surgirá no dia-a-dia escolar. Expondo pensamentos em maior grau de elaboração percebe que é coautor dessas vivências, obtendo propriedade consciente desse conteúdo, interpretando com mais qualidade o seu universo. Logo após o “aluno finalmente vai colocar seus conhecimentos

em prática. Pode-se dizer que o horizonte de expectativas dos alunos vai ser ampliado”. (Lopes, 2019 p. 15). Sendo assim, esse parágrafo resumido nos oferta as ideias de algumas abordagens do processo de ensino, como: a tradicional; a comportamentalista; a humanista; a cognitivista e a sócio-cultural. (Mizukami, 2001).

Dito isto, enfatizaremos sucintamente as ideias gerais de Paulo Freire (1987; 2005; 2015) tomadas a partir de uma visão humanista sobre a educação. Manifestando como premissa o ato de pensar e toda movimentação no contexto, o oprimido, considerando o impedimento do reconhecimento do próprio ser, se encontra inserido numa condição extremamente desumana. É preciso ler o mundo do educando para que se estabeleça um diálogo puro, com a intenção de formar uma sociedade capaz de amar mais. (Freire, 1987)

[...] a leitura do mundo precede à leitura da palavra, uma metodologia dialógica que explora os círculos de cultura como uma dinâmica de trabalho horizontal entre educador e educandos na qual todos têm algo a ensinar e muito que aprender e várias técnicas de ensino e aprendizagens que, por meio de múltiplas linguagens, capturam, classificam, sensibilizam, problematizam e representam a realidade concreta dos educandos visando a conscientização, a alfabetização, a pós alfabetização, a ação política coletiva e a mudança social rumo a minimização das condições de pobreza, miséria e opressão e a ampliação dos processos de inclusão, acesso e participação de todo/as nos bens materiais e imateriais socialmente produzidos. (MAZZA, 2021, p. 1)

A metodologia humanista de Freire abraça uma atual teoria da ciência da educação, apresentando como finalidade sobrepujar o modelo conservador de ensino, defendendo uma perspectiva atual do conhecimento e do processo de ensino-aprendizagem, auferindo da conjuntura escolar a Pedagogia do Oprimido. Entendendo melhor esse processo ensino-aprendizagem, Freire fala que o aluno não é um guardião do saber, e que o educador modifica suas atribuições, pois não é aquele que instrui o conhecimento já construído. Estabelecer espaços oportunos para uma prática sincera e amistosa, é papel do educador. Assim os estudantes seguirão para a escola motivados, e não obrigados, instituindo uma justificativa democrática dentro de uma prática libertadora.

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a

sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existenciação, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que es homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa. (FREIRE, 1970, p. 20)

Não existe liberdade sem soberania popular. E isso precisa ser refletido no ambiente escolar. Para a perspectiva freireana, democracia é uma constância que envolve aptidão para decidir como povo, para o povo. Através do diálogo relevante, útil na esfera do educando, que transpassa uma informação de qualidade gerando benefício real com “olhar humanitário” (na amplitude da palavra em si) o docente estabelece uma conexão intensa, instigante e prazerosa com o aluno, trazendo-o para uma zona de desafios e afetos.

Verifica-se que, por traçarem percursos paralelos, os saberes e as ciências sobre como ensinar e como aprender nos revelam que não se sustenta uma receita única para o desenvolvimento do discente no processo ensino-aprendizagem. Precisamos ser (multi)especialistas, e isso se faz mais urgente do que nunca. Aliás, mais do que isso! Precisamos ser humanamente integralistas imersos na afetividade.



FIGURA 2 – *A afetividade* (criado por Guto Menezes e Inteligência artificial. |dream.ai/create|)

CAPÍTULO 3

A ESCUTA ATENTA-PACIENTE NAS AULAS DE JOÃOZINHO DO CAVACO: UM BREVE RELATO SOBRE AFETO E APRENDIZAGEM.

Para adentrarmos no ambiente afetuoso das suas aulas e como são realizadas, faz-se importante destacar um pouco da trajetória do professor João Baptista Ramos, popularmente conhecido como “Joãozinho do Cavaco”.

Mesmo firmando suas raízes profissionais e familiares na cidade de Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, tocou profissionalmente em outros estados, diversas cidades da região onde experenciou na prática significativos momentos de aprendizado, podendo certificar que suas experiências vividas enquanto profissional da música o auxiliaram na estruturação de uma metodologia “intuitiva-afetiva”, o formando enquanto profissional da docência, na qualidade de educador.

3.1 – Resumo biográfico



FIGURA 3 – João Batista Ramos aos 04 anos

Natural do segundo distrito de Petrópolis, no bairro Cascatinha, filho de Maria Odete Ramos e João Teixeira de Abreu Neto, teve em sua mãe - carinhosamente conhecida como Dona Odete – a sua maior fonte de inspiração na vida. Sem sombra de dúvida foi sua maior referência de dedicação, luta e amor pelos filhos, pela família. Foi ela quem alçou os primeiros passos musicais da trajetória frutífera de Joãozinho do Cavaco.



FIGURA 4 – João com sua mãe, Dona Odete, e sua esposa, Eliana Ramos. Petrópolis/RJ. 1985.

Certa da vontade e amor do filho pelo instrumento, juntou todas as economias que tinha, pediu dinheiro emprestado que não podia e, ao ver que o garoto queria ser instrumentista, deu um jeito de arranjar um cavaquinho para ele. Ao chegar com o pai para comprar o cavaquinho – com o qual não tinha boas relações afetivas – levou um baque ao saber que o seu maior desejo de vida não poderia se realizar naquele momento. A quantia que sua mãe havia juntado com muito sacrifício já não era mais suficiente para a aquisição do instrumento. Volta para casa triste e desolado. Mas, ao chegar perto de sua residência, cabisbaixo, chuta uma espécie de rolinho de metal que continha algo dentro. Para sua surpresa, era uma quantia considerável em dinheiro que alguém havia perdido. Uma “obra do divino” para o pequeno João. Olhou pro lado, para o outro, não via ninguém. Pegou o pequeno pacote e, junto do pai, retornou quarteirões afora para comprar o tão sonhado cavaquinho. Dito e feito! Agora é aprender de vez e sem volta. Sendo o filho do meio de uma família de seis pessoas de origem simples e desprovida da maioria das necessidades básicas do dia a dia, ter adquirido este instrumento – tendo uma enorme sensação de alegria e satisfação - era saber da responsabilidade de obter bons resultados nesse aparato musical que foi adquirido com muito sacrifício, este que era considerado seu mais precioso “brinquedo”.

A primeira vez que ficou sabendo sobre alguém da família que tocava, foi através de uma história de um bisavô que tocava banjo. Aquilo não saía da sua cabeça. Foi atrás disso e procurou saber o que era, e assim foi se interessando cada vez mais pela família das cordas dedilhadas. Mesmo antes de ter um instrumento consigo, Joãozinho obteve os

primeiros contatos com a música pela vizinhança, bem perto de onde morava, de início com o Sr. Cosme. Um tocador de cavaco que era canhoto, que não sabia ensinar direito, mas deixava o menino trocar as cordas do cavaquinho para treinar, desde que trouxesse do mesmo jeito que pegou. Era quase impossível, naquela época, que as pessoas deixassem pegar, tocar em um instrumento musical, pois isto não era considerado “coisa-para-criança”. O Sr. Cosme até que pode ensinar alguns acordes, ritmos e músicas para o ambicioso menino através de um *aprendizado visual por repetição*. Mas era pouco para ele. Queria aprender mais! Tinha pressa de aprender. Chegou até procurar um curso de música na época para estudar teoria musical, mas viu que não era o que buscava. João tinha ânsia de tocar para as pessoas e, para ele, estudar teoria demoraria muito a chegar no nível que almejava.

O desejo dos autodidatas de não serem ensinados de certas maneiras está associado a um grande desejo de aprender por si mesmos. A estranheza desses dois impulsos conflitantes pode às vezes causar problemas para eles na escola, mas pode ser recompensado mais tarde na vida pela obtenção de resultados originais e formas pessoais fluentes de aprendizagem. (SOLOMON, 2003, p.4 *apud* MARTINHO, 2013, p.3– *tradução livre*).

Dos 13 anos em diante, de modo quase clandestino, passa a frequentar diversos clubes com bailes dançantes, programas de calouros no rádio, bares, para aprender mais e mais, na prática, com pianistas, violonistas, baixistas, todos aqueles que se despuseram a transferir algum conhecimento ao longo da sua trajetória para o estudante que ali se consolidava como músico. Tinha um olhar atento e uma escuta apurada para perceber os mais minuciosos contrastes que se sucediam música após música, gênero após gênero. Não importava, pois João desde cedo já entendia das diferenças entre um fado, um choro, um baião, valsas, e tudo isso foi somando a sua formação enquanto observador nato e autodidata por excelência. O que mais almejava desde que ouviu os primeiros solos de chorinho tocados pelos músicos nos arredores do seu bairro – os que esperavam o trem tocando na estação central da cidade serrana - era ter autonomia para seguir em frente e fazer o que mais gostava de fazer, o tocar.



FIGURA 5 – João com Eliana Ramos (esposa), e seu filho mais velho, João Felipe. Petrópolis/RJ. 1988.



FIGURA 6 – João com seu filho mais velho, João Felipe no palco. Areal/RJ. 1989.

Pela ausência de capital para investir em bons instrumentos e equipamentos e o enorme obstáculo em obter informações inerentes do estudo da música naquele tempo, não o fizeram desistir da sua vocação, fazendo de Joãozinho do Cavaco um músico autodidata por observação.

[...] ao investigarmos a questão do autodidatismo na formação musical poderemos delinear alguns caminhos que nos possibilitarão entender que o desenvolvimento musical não está restrito aos processos educativos “formais”, escolares, que são considerados como mais “legítimos”, mas perpassam as fronteiras escolares se realizando de diferentes formas, “não-formais” e “informais”, nos diferentes sistemas culturais em que os indivíduos estão inseridos e desenvolvendo relações interpessoais e atividades que permeiam e promovem o seu desenvolvimento musical. (PODESTÁ, 2013, p. 18 *apud* CHAVES, 2019, p.12).

Sua ampla experiência profissional em executar diversas vertentes da música ocidental fizeram de Joãozinho do Cavaco um músico conhecido no meio artístico da região onde mais atuava. Foi então convidado pela Casa de Portugal de Petrópolis a montar um baile para o público, juntando fados, viras e malhões com choros e sambas-canções, fazendo do seu novo trabalho - o grupo “Cordas e Vozes” - um sucesso, saindo em turnê da serra para tocar em diversos clubes e casas de show do Rio de Janeiro e região sudeste, tendo a oportunidade de acompanhar artistas como Nelson Gonçalves, Bebeto, Agnaldo Timóteo, Luiz Gonzaga, Ângela Maria, entre outros.



FIGURA 7 – Show do grupo “Cordas e Vozes” com Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro. 1985. (esq. p/ dir. - José Marques, Celinho, Luiz Gonzaga, Ailton, Joãozinho do Cavaco e Dica)

Somente depois de anos de estudos e apresentações pela escola da vida foi que João decidiu abrir uma escola de música no início da década de 1980. Não porque gostaria de ensinar no primeiro momento, mas para ajudar um amigo que dava aulas de violão para complementar a renda da família. Sugeriu montar um negócio juntos para captar mais alunos, visto que Joãozinho do Cavaco já tinha um público sendo formado por conta do sucesso em shows de cavaquinho solo tocando um repertório eclético em bailes da região. A única questão que João pedia a seu amigo é que pudessem atender ao maior número de pessoas possível, das mais variadas faixas etárias, de diversas etnias.



FIGURA 8 – Alunos das primeiras turmas de Joãozinho do Cavaco no seu espaço de música em Petrópolis/RJ. 1985.

Desde então, muitos alunos se interessam em frequentar sua escola e fazer uso de sua metodologia de ensino. Pelos anos 90, já reconhecido na cidade e pela região, Joãozinho do Cavaco recebeu um convite do músico e produtor Jesus Chediak para levar o seu projeto de educação musical para as crianças das escolas públicas, através da Fundação de Cultura de Petrópolis (hoje, IMC – Instituto Municipal de Cultura). Assim sendo, foi contratado pela Prefeitura de Petrópolis proporcionando a crianças e jovens, dos 06 aos 18 anos, aulas de *cavaquinho*, *violão*, *história da música*, *canto popular* - que sua esposa, Eliana Ramos, ministrava - e, posteriormente *ritmo*, quando agregou ao projeto o percussionista e professor, Anderson Sabadine, com quem trabalha até hoje. Portanto, com esse trabalho em andamento, João pode ampliar sua didática e proporcionar a inúmeras crianças o acesso a gêneros musicais de tradição no Brasil, como o choro, o samba, o baião e a bossa nova. Sua persistência em levar adiante o seu maior propósito estava se consolidando, que era possibilitar o total acesso ao “tocar” a todos aqueles que tinham sede de aprender e não tinham oportunidade, justamente o inverso do que obtivera quando iniciou sua trajetória na música.

Este projeto de educação musical permaneceu ativo por 16 anos onde passaram mais de 1.000 alunos e teve o seu término por falta de investimento do poder público. Em 2021, uma indicação legislativa foi aprovada na Câmara Municipal de Petrópolis, solicitando que fosse reativado o projeto “Oficina de Música” criado pelo artista, professor e músico, Joãozinho do Cavaco. (Petrópolis, 2021). Pela Ordem dos Músicos do Brasil recebeu uma premiação com o título “Cavaquinho de Ouro” pelo projeto “Encontro de Cordas”, e também o de melhor grupo instrumental pela APL - Academia

Petropolitana de Letras. Gravou um compacto em 1986 com o conjunto “Cordas e Vozes” e seu primeiro CD “Joãozinho do Cavaco”, em 2000, gravado no Theatro D. Pedro.

Nos dias atuais, João Batista Ramos continua cedendo seu talento enquanto luthier, professor e músico na cidade serrana. Segue com seu projeto de aulas particulares de instrumentos de cordas, além de se apresentar com o trabalho “Joãozinho & Família”, onde toca com seus dois filhos e com sua esposa o repertório que sempre acreditou: o da música brasileira.

3.2 – Educar através do afeto e da “escuta atenta”

A magia que o professor envolve seus alunos é algo inexplicável, pois só quem está envolvido consegue compreender. Um sorriso, um olhar ou um simples abraço pode mudar a capacidade de compreensão de uma criança. (RODRIGUES, 2019, P. 8)

Sem sombra de dúvida que João não teve ideia de onde chegaria ao ajudar um amigo que precisara muito aumentar a renda familiar e, para tal, conseguir mais alunos de violão. Montar uma escola de música, quase “do nada”, foi um grande desafio para aquele que nunca teve oportunidade de estudar com quem lhe ensinasse com liberdade, muita prática envolvida, e regado de todos os possíveis afetos nesse processo. João queria que todos os tipos de pessoas tivessem acesso as suas aulas. Não importava a classe social, gênero, crença, etnia. Tudo isso não era uma questão para ele, pois o único pré-requisito que o aluno, a aluna precisara ter, era a vontade de aprender. Mas para que isso tenha êxito, imprescindível que seu trabalho enquanto educador coabite em uma condição de intenso diálogo, fundamentado em uma “escuta atenta”, tratado por ele como sua maior e mais importante ferramenta de trabalho.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres. (LOPES, 2009, p. 4 *apud* FREIRE, 2005, p.91)

A importância de se ouvir bem e de saber dialogar no processo de aprendizagem são características fundamentais para se estabelecer uma conexão fluída na relação professor-aluno. Estes atributos fizeram com que Joãozinho do Cavaco pudesse adentrar no meio educacional sem ter um vasto conhecimento teórico bem no início de suas primeiras aulas, proporcionando um autoaprendizado dentro da metodologia que propusera nos seus encontros com os alunos e alunas de instrumento em sua escola. Este autoaprendizado vinha das inúmeras experiências enquanto músico popular atuante no meio. Por ter participado de trabalhos distintos que enriqueceram seu conhecimento musical, ajudando a entender e conhecer do “rock ao clássico; do fado ao choro”, conceberam um músico dotado de habilidades primordiais para um professor de música: a percepção; escuta atenta; concentração.

A habilidade dos músicos populares, por exemplo, não se limita a “tirar tudo de ouvido” na hora. Na verdade, há um número de canções com forma, padrões harmônicos e rítmicos comuns. Dessa maneira, progressões de acordes, como a de 12 compassos do blues ou a sequência harmônica I-VI – IV-V, aparecem em diversas músicas, sendo então somente adaptadas. No entanto, como em toda regra, até mesmo na música, há exceções. Para as canções que fogem desse padrão, outras habilidades são exigidas, como alto poder de atenção, concentração e dedicação da audição (GREEN, 2001 *apud* LACORTE, 2007, p. 31).

Tais características contribuíram para que as aulas de João Batista Ramos fossem tratadas com muita seriedade e dedicação, podendo, então, dedicar-se inteiramente ao lado afetivo, do qual sempre propôs ofertar em sua dinâmica educativa. “Por meio da afetividade e do processo de cuidar da criança, o educador colabora com o desenvolvimento da autonomia, autoestima e interrelação da criança com o seu ambiente e sociedade[...]” (MENDONÇA & TAVARES, 2008, p. 6).

Constam em inúmeros estudos sobre o caso que um professor afetivo é aquele que proporciona relações de equilíbrio e maior estabilidade que evitarão futuros obstáculos, complicações de caráter cognitivo e afetivo, contribuindo para realização de tarefas socializadoras, auxiliando o aluno a solucionar seus erros, aprendendo com eles. (Rodrigues, 2019). Dito isto, observamos no trabalho de Joãozinho uma constante preocupação para que sua atuação seja de um *facilitador da aprendizagem*. Isto significa criar e/ou adaptar soluções de aprendizado para o melhor rendimento daquele aluno, seja usando carimbos com os desenhos dos braços do cavaquinho e do violão, ajudando a criar

dinamismo para suas aulas na produção do seu material didático; usando cordas de nylon nos cavaquinhos para não desanimar o aprendiz, pelas cordas serem de metal e doerem os dedos; ou em aprender a consertar instrumentos para que o aluno tenha condições mínimas para uma considerável evolução dentro do curso que ministrara. Dessa forma estabelece um vínculo direto e verdadeiro com o aluno, pois ao ver o professor nesse movimento para ele aprender mais, se empenha em cumprir as atividades propostas.

Considerando o professor um dos mediadores na sala de aula, suas ações têm por objetivo a aprendizagem do aluno. Nessas ações mediadoras, o aluno entra em contato com modos de pensar, agir e sentir em relação ao conhecimento envolvido e a situação em si. Nessa dinâmica, a forma como o aluno significa a ação do professor revela uma atitude afetiva. (TASSONI & LEITE, 2011, p .83)

À medida que o tempo foi passando, João foi incrementando em suas aulas mecanismos que facilitassem ainda mais o processo de aprendizado do aluno, mas o que nunca foi mudado era o modo de abordar o aluno, de acolhê-lo no decurso enquanto estivesse experienciando aqueles momentos de prazer e deleite no instrumento, no aprendizado musical. Viabilizando um espaço de estudo, de proteção, onde os alunos possam se expressar livremente dentro das suas limitações, medos e dificuldades, sempre foram pré-requisitos nas aulas do professor “Do Cavaco”, onde o foco de sua formação foi a aprendizagem sobre o ser humano sendo capaz de entender as necessidades de cada aluno em sua plenitude.

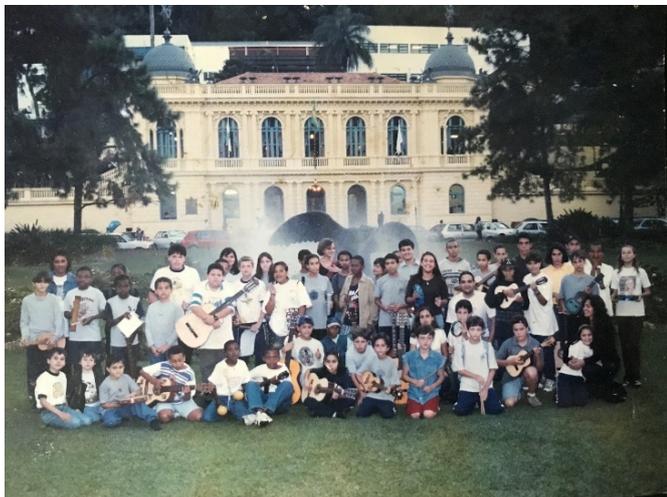
[...] o professor precisa focar sua formação na aquisição de conhecimentos psicológicos onde seja capaz de compreender o aluno em sua totalidade, tudo com acolhimento amplo da realidade onde seja possível uma aprendizagem pelo exercício do acolhimento. (TAVARES et al, 2019, p. 7)

Com relação aos métodos aplicados por João, o que fica evidente em sua sistematização é que a prática é fator primordial para o desenvolvimento significativo do aluno. O tocar em grupo é uma das chaves mestras da sua metodologia. Fazer o aluno experimentar o “tocar com o outro” é trazer à tona todos os sentimentos positivos e negativos que possam ser encontrados dentro desse processo. Acertar e errar tem o mesmo peso nessa equação, e valorizar cada movimento conquistado torna a prática motivadora e desafiadora, fazendo com que o aluno alcance os próximos níveis dentro desse quadro evolutivo intenso, operando o ato de fazer música como uma transformação na vida

desses seres. E o contato dessas pessoas com música, mais do que qualquer outra arte, tem uma representação

[...] neuropsicológica extensa, com acesso direto à afetividade, controle de impulsos, emoções e motivação. Ela pode estimular a memória não verbal por meio das áreas associativas secundárias as quais permitem acesso direto ao sistema de percepções integradas ligadas às áreas associativas de confluência cerebral que unificam as várias sensações. Exemplo pode ser dado referindo-se à sensação gustativa, olfatória, visual e proprioceptiva as quais dependem da integração de várias impressões sensoriais num mesmo instante, como a lembrança de um cheiro ou de imagens após ouvir determinado som ou determinada música. O conjunto dessas atividades motoras e cognitivas envolvidas no processamento da música é chamado de função cerebral. (WEIGSDING; BARBOSA. 2014. p.48 *apud* SANTOS, 2017, p .14)

Sendo assim, o maior trunfo de suas aulas é fazer com que os alunos estabeleçam uma relação de respeito com a música e que o aprendizado se faça de maneira tranquila, dentro do seu tempo com o foco voltado para a escuta atenta, a pluralidade, a autonomia, o respeito as diferenças e suas as limitações e a constante investida naquele que é o seu mais precioso bem, o aluno. Tudo isso sempre através do afeto.



FIGURAS 9 e 10 – Alunos do seu projeto “Oficina de Música” pela Prefeitura de Petrópolis/RJ. Década de 90.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou mostrar de se investir na relação afetividade-aprendizagem no ambiente escolar. Mesmo com inúmeros estudos que trataram sobre o tema, ainda é preciso realizar a transformação desse ambiente. Fazer do afeto como algo secundário, inexplorado é propiciar o atraso no desenvolvimento cognitivo da criança, condicionando o bloqueio da realização de muitas das suas dificuldades de convivência social e de aprendizados do cotidiano. O afeto é inerente ao desenvolvimento humano, como vimos no decorrer do texto, e negar sua existência e/ou diminuir a sua importância é fracassar nas infinitas possibilidades de crescimento desse ser, autorizando o insucesso de sua trajetória.

João Batista Ramos sempre buscou ativar esse mecanismo na sua caminhada enquanto educador. O afeto e todo cuidado envolvido em suas aulas fizeram com que seu trabalho obtivesse resultados grandiosos em mais de 40 anos de docência. As atividades foram ampliadas, revisadas, revisitadas, reestruturadas, mas o que nunca mudou fora o modo como alcançou o coração e a mente de cada estudante, de qualquer idade. Embora no início houvesse limitações teóricas nas aulas de Joãozinho, a prática ativa e a afetividade presentes em sua metodologia fizeram da sua carreira uma caminhada de sucesso enquanto professor e músico.

Mas esse sucesso só foi possível porque Joãozinho do Cavaco esteve continuamente disposto a compreender com toda a sua intensidade a importância do outro no processo de aprendizagem. Sua maior vocação enquanto mestre sempre foi saber ouvir o que o próximo tinha a oferecer. E pensando nisso, trago aqui a reflexão do quanto todos nós educadores precisamos entregar nesse intenso encadeamento de ideias, dificuldades, desafios e afetos, que é o ato de lecionar. Nem tudo é passivo de teorizar, mas tudo é compreendido quando somos afetados por esse potente e enérgico recurso da vida, que é afetividade em nossas relações do cotidiano.

Que a educação prevaleça no amor e dela se construa uma escola de todos, para o outro, pelo outro, pois apesar de sermos seres racionais, somos muito afetados pelas frequentes emoções da complexa trajetória de nossas vidas. *Affectus erimus!*

REFERÊNCIAS

BALDAÇARA, Leonardo / BUENO, Celso Ricardo / LIMA, David Souza / NÓBREGA, Luciana PC / SANCHES, Marsal. **Humor e afeto. Como defini-los?** Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa. São Paulo. 2007; 52(3): 108-13.

BARBOSA, Eliane dos Santos. **Afetividade no processo de aprendizagem.** Revista Educação Pública, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>

BARBOSA, Iraci Pereira / SALGADO, Rita de Cássia Falleiro. **A importância da afetividade para uma aprendizagem significativa.** Brasil Escola - site - <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-afetividade-para-uma-aprendizagem-significativa.htm>. Acessado em 16 de jan. de 2023 as 13:49h

DAVIS, Claudia. **Psicologia na Educação** / Claudia Davis, Zilma de Oliveira. - 3. ed. - São Paulo : Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 2015

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1970. Acesso em: 02/01/2023. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1970-pedagogia-do-oprimido.pdf/view>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1987. Acesso em: 05/01/2023. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>

MARKIC, Ana Angélica. **Tecitura: Afetividade E Aprendizagem Na Educação Infantil.** Revista Educação - UNG - Universidade. v.12, n.2. 2017

RODRIGUES, Moacir Carlos Nunes. **A Importância Da Afetividade Na Aprendizagem Escolar Na Relação Aluno-Professor.** Infinitum - Revista Multidisciplinar. São Bernardo/MA. V.2/n.1. p. 109. jan-jun, 2019.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon.** <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Publicado em NOVA ESCOLA. Edição 246, 01 de Outubro 2011

SANTANA, Karla Alessandra Nobre Lucas / SANTANA, Márcio Alexandre Brito. **Afetividade E Aprendizagem: Abordagem Neuro Psicopedagógica.** ConCiências - UEADSL - 1º semestre de 2020.

TASSONI, E. C. Martins / LEITE, S. A. da Silva. **Um Estudo Sobre Emoções E Sentimentos Na Aprendizagem Escolar**. Comunicações • Piracicaba • Ano 18 • n. 2 • p. 79-91 • jul.-dez. 2011 • ISSN Impresso 0104-8481 • ISSN Eletrônico 2238-121X

TAVARES, Maria E. P. Assunção / SOUZA, Maria J. A. de / LIMA, Márcia Xavier de Moura / Coutinho, Diogenes José Gusmão. **Afetividade: fator indispensável à aprendizagem**. Brazilian Journal of Development. Curitiba, PR, v. 5, n. 11, p. 25710-25717, nov. 2019

VIGOTSKY, L. S. **Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância**. In. Vigotski, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1999.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **O papel das emoções na constituição do sujeito. Construção psicopedagógica**. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v20n20/05.pdf>. Acesso em 08 de dez. de 2022

ALMEIDA, Ana Rita da Silva: **O que é Afetividade? Reflexões para um conceito**. In Educação Online. Fonte: ANPED. 2002.

ANDRADE, Annielly da Silva. **A música como facilitador da aprendizagem na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba - UEPA. Orientação Prof. Ms. José Otávio da Silva. 2012. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1327/1/PDF%20-%20Annielly%20da%20Silva%20Andrade.pdf>. Acessado em 03 de jan. 2023

BRIGHENTI, Josiane / BIAVATTI, Vania Tanira / SOUZA, Taciana Rodrigues de. **Metodologias De Ensino-Aprendizagem: Uma Abordagem Sob A Percepção Dos Alunos**. Revista GUAL, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 281-304, set. 2015 . Acesso em 03/02/2023. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2015v8n3p281>

BZUNECK, José Aloyseo. **Emoções acadêmicas, autoregulação e seu impacto sobre motivação e aprendizagem**. ETD - Educação Temática Digital. Campinas, SP, v.20, n.4, p. 1059-1075. out./dez. 2018.

CHAVES, Erasmo Júnior de Melo. **Aprendizagem musical autodidata: um estudo exploratório com os músicos populares em Varjota-CE**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Música, Sobral, 2019. Orientação: Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira. Acesso em dez 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51375/1/2019_tcc_ejmchaves.pdf

COSTA, Gisele Ferreira da. **O afeto que educa: afetividade na aprendizagem**. Trabalho de conclusão de curso - TCC. Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais. 2018

FERRO, Maria da Glória Duarte. **Psicologia da aprendizagem: fundamentos teórico-metodológicos dos processos de construção do conhecimento** / Maria da Glória Duarte Ferro, Maria do Socorro Santos Leal Paixão. – Teresina: EDUFPI, 2017

LIMA, José Gllauco Smith Avelino de / CÂMARA, Hylana Maressa de Souza. **Apagando As Fogueiras Das Vaidades Intelectuais: Reflexões Sobre A Relação Professor-Aluno No Ensino Superior**. Departamento de Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT07/7.2.pdf> . Acesso em: 15 nov. 2022

LOPES, Rita de Cassia Soares. **A relação professor aluno o processo ensino aprendizagem.** Pedagoga Rede Pública Estadual - Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Seed-PR). 2009. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LUCK, Heloísa – CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola: Promoção, medida e avaliação.** Rio de Janeiro. Vozes Ltda, 1983.

MARTINHO, Miguel. **Aprender fora da escola: caminhos alternativos de construção de conhecimento.** Artigo para site Academia.edu. 2013. Acesso em jan 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/3160957/Aprender_fora_da_escola_caminhos_alternativos_de_constru%C3%A7%C3%A3o_de_conhecimento

MAZZA, Débora. **Paulo Freire na Bolívia: Reminiscências.** REVISTA DO NESEF V. 10 – N. 2 – JUL./DEZ. 2021 – P. 32. UFPR - Universidade Federal do Paraná. Acesso em jan. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/83196>

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis Online** 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 27 de dez. 2022.

NÉRICE, I. G. **Didática geral dinâmica.** 10 ed., São Paulo: Atlas, 1987.

NUNES, C. M. F. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira.** Educação & Sociedade, v. 22, n. 74, p. 27-42, 2001.

OLTRAMARI, Fernanda / RAZERA, Bruna. **O Afeto E O Cuidado Nas Relações Familiares: Construindo Os Alicerces De Uma Nova Casa. Perspectiva,** Erechim. v.37, n.138, p.57-68, junho/2013.

PENNA, Carla. **O campo dos afetos: fontes de sofrimento, fontes de reconhecimento. Dimensões pessoais e coletivas.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 39, n. 37, p. 11-27, jul./dez. 2017

PETRÓPOLIS (Rio de Janeiro). **Câmara Municipal Legislativa.** Notícias. Petrópolis: CMP, c2021. Disponível em: <https://www.petropolis.rj.leg.br/institucional/noticias/camara-aprova-reestabelecimento-de-programa-de-incentivo-a-cultura-e-ao-entretenimento-fundado-por-joaozinho-do-cavaco>. Acesso em: 18 fev. 2023.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários.** Revista brasileira de educação, v. 13, n. 5, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A educação do comportamento emocional.** In: Psicologia Pedagógica: edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXOS

ENTREVISTA COM PROFESSOR JOÃOZINHO DO CAVACO (JANEIRO DE 2023)

João Batista Ramos é pai de João Felipe e João Victor, companheiro de Eliana Ramos, professor, músico e luthier da cidade de Petrópolis. Trabalhou em diversas áreas, atuando como eletricitista e técnico de radio antes de se firmar como músico e professor. Dos anos de 1980 até atualmente ministra aulas de cavaquinho, violão e canto popular na cidade serrana, onde proporcionou o acesso a música para mais de 1300 alunos. Atualmente Joãozinho do Cavaco é Delegado da OMB em Petrópolis, trabalha na sua oficina de lutheria e continua dando aulas de cavaquinho e violão no seu espaço de música, no projeto “Oficina de Música” pela Prefeitura de Petrópolis, e ainda realiza apresentações por toda região serrana e Fluminense.

P: Então, você me falou sua profissão, um pouco da sua história e hoje você é considerado um instrumentista, um músico, professor de música e luthier. Seria isso?

Joao: É. Um luthier um pouquinho diferente dos outros, né? Não tenho aquele conhecimento daqueles caras que montam instrumentos. Mas músico, instrumentista e professor, sim. E a pessoa responsável por toda a minha vida foi a Dona Maria Odete Ramos, minha mãe, que quando viu que o garoto queria ser instrumentista, deu um jeito de arranjar um cavaquinho de qualquer forma, na luta e hoje a gente está aí. Ela que conseguiu fazer essa façanha.

P: E você tem músicos na família, Joãozinho? Como foi começar a tocar?

Joao: Não. Tenho a experiência de uma história de um bisavô que tocava banjo. Aquela história ficou na minha cabeça, e fui saber como era o banjo. Então, do banjo eu comecei a me interessar bem mais para os instrumentos de corda, o cavaquinho. Mas era muito difícil, muito difícil aprender algo naquela época. Tive todas as dificuldades para começar a tocar que você imaginar, todas. Quando eu vi um cavaquinho tocar, de verdade, alguém tocando, eu queria ter um instrumento daquele. Eu achava aquele instrumento bonito demais...Eu tinha uns 12 anos, por aí, mais ou menos. Minha mãe falou: "Meu filho, eu não tenho a condição de comprar. Deve ser uma coisa muito cara". Naquele tempo era muito difícil ter as coisas. Aí, minha mãe, não sei que ela arrumou...tinha um senhor perto da minha casa, que tinha instrumentos usados que sempre vendia, e descobri que ele tinha um cavaco. Aí, minha mãe falou assim: "Meu filho, vamos ver se eu consigo. Quando o senhor falou o preço com a minha mãe, assustou ela mais ainda, meu caro. Mas eu não sei como, ela foi juntando, juntando e um dia, mesmo, pegou e falou pro meu pai: "Dá um pulinho na casa do "Sr Fulano de Tal", e vai comprar o cavaquinho para o menino. Ela pegou até dinheiro que não podia, foi somando com o pouco que tinha até chegar o total. Aí, pegou e um dia falou assim: "Meu filho, eu falei com o seu pai, ele vai lá com você, você vai comprar seu cavaquinho que você tanto quer". Aquilo para mim, era como se eu quisesse uma bicicleta que aparecesse nas noites de natal, e eu ia lá na árvore, e ela estava lá pra mim, sabe? Aí eu fui com o meu pai...(emocionou-se)...para comprar o instrumento. A gente tinha que descer um quarteirão, subir uma escadaria, o cara morava no outro quarteirão, do outro lado. só salões assim, dois, três, pavimentos. Meu pai parou comigo e, chegando lá, bateu na janelinha, no quarto de casa, o cara veio atender. aí contou a história...meu filho está querendo esse instrumento, minha esposa já pediu para que eu viesse aqui pegar, já estou com aqui. O Sr. falou: "Quanto o senhor trouxe? Meu pai falou: "Não-sei-quanto-de-réis mais um monte", aquela doideira de dinheiro que

era da antiga. Ele queria muito mais. Voltei triste pra casa. Não consegui o instrumento naquele momento. Desci com meu pai, de cabeça baixa, aquela tristeza toda, pensando que eu ia esperar um tempão, e o moço ia vender aquilo, e eu não vou ter o cavaquinho. Aí, quando eu cheguei, quando estava embaixo, antes de chegar no portão, eu vi alguma coisa caída no chão, aí, quando esbarrei com o pé, era tipo um rolinho, sabe? Um rolinho com alguma coisa dentro...Tinha mais do que o dinheiro que me faltava, dentro daquele rolinho. Naquele mesmo dia nós voltamos e compramos o cavaquinho e hoje eu tô aqui...(risos)

P: Com quem você aprendeu e como é que foi esse processo de aprendizado?

João: Foi um pouco mais difícil do que ter o cavaquinho...foi um pouco mais difícil. Porque quase todos que tocavam, além de não ter um grande estudo, não sabia ensinar. Não sabia nome de acorde, nada disso. E pra minha, não sei se foi sorte, se foi um teste, mas a única pessoa que podia me explicar alguma coisa, mais ou menos, era canhoto, e era complicado. Mas antes de eu comprar esse cavaquinho, esse canhoto já vinha me ajudando, e eu pedia a ele. Dizia: "olha vou te emprestar até comprar o teu, e o meu você tem que tirar as cordas, tem que passar as cordas para seu lado, e de volta para o outro. Eu tinha que fazer isso, treinar um pouquinho, e devolver todo dia até eu ter o meu cavaquinho. Só que quando eu tive meu cavaquinho na direita eu achei que ia ficar mais fácil, porque eu ia olhar os acordes, ia chegar e tocar. Aquilo ali já estava impregnado em mim. Eu queria tocar aquele instrumento com toda força. Aí, essa luta toda que eu tava passando, eu guardei ela toda na minha cabeça para que no futuro se eu fosse ensinar alguém, essas pessoas não precisassem passar o que eu passei. Aprendi a consertar, aprendi o nome dos acordes. Comprei um método para mim, para eu saber os nomes, aí fui...Quando eu resolvi fazer isso, eu já tinha um início bem grande. Fui naquela base. Quando eu comecei a ver que a gente podia tocar algumas coisinhas, eu comecei a ir a lugares que tivesse alguém tocando outros instrumentos. Piano, bateria, violão...Passei a sair com ele (cavaquinho) debaixo dos braços e ir nesses lugares pra mim, pra gente conseguir ir aprendendo mais coisas...Eu tinha uns 13, 14 anos, então, moleque, né? Aí colocava o cavaco de baixo do braço e ia. Eu ia no Bela Vista (clube), na Ponte de Ferro (bairro). Normalmente quando eu ia pra lá eu ia de trem. Petrópolis tinha trem naquele tempo, e eu voltava a pé. Não tinha condução, dinheiro pra condução da volta, só voltava a pé. Nem existia condução, eu acho. Ficava assistindo e aprendendo com os músicos da matinê, da noite. E aí eles falavam: "ó, você tem que entender que quando for mais ou menos 22 horas você tem que sair. Isso aqui tem normas e você não pode ficar no clube. Ficava até as 10 horas da noite, depois tentava ver se podia ficar mais, e não percebiam que eu tinha ficado ali, escondido. Depois eles se acostumaram, viu que era aquilo que eu queria mesmo, e depois passaram deixar eu ficar até o final da domingueira. Ficava vendo o piano tocar, e quando tocava aquele baixo acústico bonito, e me agradava com as cantoras, cantores. Aprendia tudo no baile. Samba, foxtrote, bolerão, essas coisas. Aquele jazz calmo, daquela época...Aí fui voltando, voltando no baile, até arranjar uma maneira de evoluir aquilo que eu já tinha aprendido ao vivo. Comprei métodos. Agora, era muito difícil. Por exemplo: uma corda de cavaquinho para você conseguir trocar era uma dificuldade. Você nunca tinha dinheiro para comprar, entendeu? Hoje a gente tem um monte, mas naquele tempo era difícil. Às vezes eu via um músico, que eu olhava ele tocando, e via que aquela corda que arrebentou ali, talvez ele fosse jogar fora. Aí perguntava: "Você vai jogar essa corda fora?". Ele: "Vou. Mas essa corda não serve para cavaquinho". Eu falei: "Não. Serve só o miolo". Eu boleei uma maneira de botar um preguinho na janela, com uma faquinha, raspar a corda, porque era grossa e fazer a fina. Porque dentro da grossa tinha uma fina. E a fina que arrebentava mais. É a maneira que eu arranjei pra continuar tocando e estudando. Depois que o Gomes depois foi embora, e eu fiquei sem ninguém para pegar as músicas, nem acordes de música, nem nada, eu resolvi procurar um curso de música, estudar teoria. Mas eu cheguei à conclusão que a teoria não era o que eu estava procurando. Eu precisava alguém que me fizesse tocar, que me passasse mais acordes, mais palhetadas. Eu tinha pressa de tocar. Eu

queria tocar. Depois eu estudei com um tecladista que tinha aqui na cidade, era muito bom, Luizinho. Luizinho sacava muito de intervalos. Através de Luizinho, eu comecei a estudar intervalos, acordes dissonantes, aí eu comecei a estudar no cavaquinho coisas que eu tinha dificuldade de aprender mais. Harmonia e aquela coisa toda, que o acorde que soava diferente, aquela maneira que a gente diz: "não, esse acorde é igual aquele, não é igual a esse. Diferenciar...Eu sabia o que era, aí eu comecei a estudar, para poder ensinar um dia do meu modo também. Todas as dificuldades que eu vi nesses lugares, eu fui somando aquilo...para aprender, para poder ter um instrumento. E por que não tinha tanta gente tocando esse instrumento? (cavaquinho) Aí, com a primeira escolinha de música que eu fiz, eu comecei a perceber que todos reclamavam que o dedo doía muito. O dedo doía muito. Então comecei a usar cordas de nylon nos cavaquinhos para ficar mais fácil de aprender...

P: Como é que surgiu essa ideia de dar aulas de instrumento e por que você escolheu ser professor?

João: Engraçado, a vida, não é? Eu estava num lugar tocando e eu já fazia aqueles shows de cavaquinho que eu era solista, já tinha o cavaquinho elétrico, já tinha um aparelhinho que eu podia descer do palco, etc. E do lado de onde eu estava tocando, tinha um menino, próximo a uma cerca...que eu estava do lado de dentro e ele lá de fora, debruçado, olhando...Aí eu olhando aquilo, tocando aquelas coisas todas, eu fiquei com tanta pena de ver ele do lado de fora que fui tocar perto daquele menino. Ele não saiu dali... Aí, nesse momento, nós terminamos e a música parou. Acabou e fui lá para dentro. O garoto continuou lá. Depois eu cheguei perto dele, aí ele falou para mim: "Poxa, posso te perguntar uma coisa? Você ensina, ensina esses instrumentos, né?" Então, eu achei aquilo uma coisa muito linda. Parecia que eu estava voltando no tempo...Entendeu? O cara fala assim...(emocionou-se) da idade dele, era mais ou menos aquela que eu tinha na época...Eu falei pra mim: "Pô, se eu falar para esse menino, a metade do que eu passei pra estar aqui hoje, ele vai desistir. Tive esse sentimento porque eu acho que voltei no tempo. Porque se eu não tivesse o Cosme próximo da minha casa, que eu sabia que ele tinha poucas informações pra passar, talvez eu não tivesse ficado nessa área. Então, talvez eu teria sido a primeira esperança dele, sabe? Aí eu pensei, pensei...Nessa época, eu já tocava muito na banda, e estava com muita vontade de ajudar um amigo que dava aulas de violão. Mas ele trabalhava numa empresa que ele saía quase 8 horas da noite. Ele pegava meia dúzia de alunos no final de semana para poder ajudar nos salários, para sustentar a mãe dele. Era ele e a mãe, só...Resolvi montar uma escolinha de música com ele, mas pra ajudar ele...as aulas de violão supriam o salário que ele ganhava lá, que era um salário mínimo, e com poucos alunos ele já ganhava isso. Ele topou. Abrimos uma sala. Eu de um lado fazia aulas de cavaco, e deixei os violões só para ele, do outro lado. Mas chegou um momento em que cresceu tanto, tanta gente que deu, que aí ele não deu conta dos violões só, só para ele. Eram muitos violões, mas eu peguei alguns de violão, para ensinar violão também. Tocava um pouquinho. Sabia umas posições de violão. O violão veio junto com o cavaquinho. Eu já tocava um pouquinho, porque, quando isso aconteceu, eu já tinha uma história de tocar com alguém, em barzinho, bailes, onde fui aprendendo...Depois era só a questão só de eu começar a arrumar os livros de acordes para passar para as pessoas e ver as dificuldades que iam surgindo. Agora, talvez eu fui pioneiro na cidade em reduzir as dificuldades. Talvez tenha sido pioneiro nisso.

P: Então, você não escolheu ser professor?

João: Não, não.

P: Isso foi um processo para ajudar um amigo?

João: Isso. Chegou um momento que a música...Engraçado, depois que eu fiz isso (começar a dar aulas), a música começou a tomar meu tempo. A minha banda também ficou famosa na cidade

e na região toda...eu tocava de segunda a sexta, e sempre chegava atrasado no trabalho. Daí fui pedindo o reitor para me ceder o sábado. Depois, pedi a folga nas sextas. Então eu ficava, quinta, sexta, sábado nos bailes, tocando e aprendendo. Eu ficava parado no domingo, só para voltar na segunda. Só que segunda eu chegava atrasado. Era uma bateria de shows que, às vezes, aconteciam em Minas, no Rio. No Rio de Janeiro, quase todos os clubes, casas de shows eu tocava...o Libanês, a Bola do Preta. Tudo que você imaginar, eu já toquei. Agora, como é que eu ia trabalhar na universidade, para pegar às 7 da manhã e sair às 5 da tarde? Não dá. A única coisa que eu pedia era o seguinte: "Eu queria me afastar da universidade definitivamente. Não posso tocar esse cargo mais". E eu precisava de um acordo onde eu pudesse pegar o que tivesse e me arrumar, assentar a minha vida. Peguei o meu direito trabalhista e comprei um negócio para eu morar. Foi isso que eu fiz. Porque, chegou um momento que eu trabalhava de segunda a quinta, e chegava atrasado. Quando comecei a tocar na cidade de Petrópolis, talvez eu tenha sido o primeiro cavaquinista a tocar ligado (plugado), tocar choro ligado, dançante...Foi uma explosão. A minha banda foi uma explosão. Tinha fila nos clubes para entrar...virava a esquina....Na verdade eu não sabia disso, mas eu queria fazer alguma coisa para que as pessoas não tivessem aquelas dificuldades que tive. Que fosse mais fácil ter um instrumento; que fosse mais fácil tocar aqueles sons para treinar em casa; que tivesse um professor que explicasse aquilo que ela quisesse aprender...Então, com tudo isso, eu fui arquitetando...Entendeu? Como é que eu vou fazer? (pensava)...Aí, chegava um menino, chegava um senhor, e cada um com a sua dificuldade. O senhor, também, tinha dificuldade em dar movimento para os dedos, como a criança. Passava um exercício de dedo, para começar a soltar os dedinhos dele. Só que tinha que começar, também, tudo da mesma forma. Tinha que ser um instrumento bem equilibrado, com cordas de acordo com aquilo que a pessoa pode (dificuldade), para não dificultar o aprendizado...e fui criando as aulas dessa forma...

P: Como acontece a primeira aula de cada aluno desse?

João: O aluno quando chega, com aquela vontade de aprender, quase que parece ser comigo no início, com aquela vontade de ter um instrumento. Acho muito bonito isso...Então, quase todos que eu dei aula já tinha um cavaquinho, já tinha um violão para iniciar. E o aprendizado do cavaquinho é parecido com o do violão. O lance das cordas numéricas...10, 20, 30, 40, no cavaquinho....e 10,20,30,40,50,60 no violão...explicava os quatro dedos principais. Exercitando pra frente e pra trás, um, dois, três, quatro, quatro, três, dois, um. Explicava aquilo ali devagarinho. Usar a palheta, que tem que descer e tem que subir tocando. Descer e subir tocando. Nunca toque a palheta no braço, sempre na boca do instrumento, onde sai mais som...Eu já sabia o que tinha que ensinar, porque eu já tinha arquitetado. Fiz um bracinho de cavaquinho e um bracinho de violão em carimbo, coloquei a "numérica" (tabela do braço do instrumento) direitinho, explicava direitinho como é que começava, como é que colocava a mão no instrumento. Já tinha uma base para ensinar.

P: Quais os atributos que o professor tem que ter para poder desenvolver, para poder cultivar essas suas principais características?

João: A parte de acreditar que o aluno irá aprender...Outra coisa é você falar alguma coisa que chame a atenção dele para o bem dele. Entendeu? Por exemplo: Você gosta desse estilo aqui. Então, vou fazer isso para você, que você vai desenvolver. E cultivar sempre um papo para que ele saia da aula cada vez mais entusiasmado com o instrumento que ele escolheu. O diálogo é muito importante. Um diálogo que vai ser um diálogo de entusiasmo, que vai dar um ânimo, vamos dizer assim, uma animação, para poder ter essa motivação para aprender. Esse diálogo, quando a gente está falando em diálogo, é uma conversa de dois lados. Além de você colocar o que você acredita e o que você acha sobre, não só a matéria Cavaquinho, mas também a vida, mas também receber isso dele também. Você também tem que ser um ouvinte, um bom ouvinte. Então,

para mim, essas características do diálogo e ser um bom ouvinte são coisas principais do bom professor. No final funciona muito bem.

P: Mas o que deu certo nessas aulas que você deu e o que não deu certo? Você já me falou que dá certo o diálogo, essa escuta, de ouvir o que o aluno tem para trazer para você. Digamos que eu sou o teu aluno e não sei nada de nenhum instrumento. Chego de cabeça baixa e falo que quero aprender cavaquinho. A primeira coisa que você fala para mim é o quê?

João: É como se eu fosse o iniciante, como no meu caso. O cara está entusiasmado com aquilo, adora um instrumento, e quer aprender instrumento. Tem que querer. Daí você pega e conta uma meia-história, que não pode ser muito longa. E diz: "Olha, eu passei por isso, valeu a pena, só vai depender mais de você. O que depender de mim, você já conquistou agora. O que eu puder, vou te ensinar tudo que você precisa aprender. E o cara já sai dali já, pisando nas nuvens. Porque você vai com carinho...explicando tudinho e sem pressa...Dou um relato de vida, das experiências que tive antes das aulas, para as pessoas entenderem o processo que passei e aonde cheguei. E isso ajuda a motivar o aluno. Quase todos alunos que passaram pelo curso, normalmente a gente junta seis, oito, quantos tiver, com prática. Pra tocar juntos a mesma música. Ali já falo para todos um pouco de como é tocar junto...E começo a tocar...Chamo um: "Agora você, depois o outro". Vai passando de um para o outro. Uma hora o cara está centrando (acompanhando), outra hora o cara está solando (evidência). Então, dentro desse trabalho em grupo, coloco todo mundo para tocar junto. E em determinado momento todo mundo entra em destaque. Porque o cara sai do centro para ir para o solo. Isso é um movimento que sempre fiz para levar a prática, o tocar com o outro. Eu aprendi na prática, né? Agora, se ele erra, deixo ele se tranquilizar, sem pressa. Tento novamente e, se ele conseguir, ótimo. Se não, na próxima roda de prática a gente vai preparar todo mundo outra vez, individualmente, para repetir tudo outra vez corrigindo os problemas. Até todos tocarmos juntos. Então tem que repetir aquela música todo dia, até todos estarem tocando, cada um do seu jeito. E trato como algo normal, dizendo para ele que também errei, que é normal. O erro maior é não corrigir. Então, nessa escola fiz um negócio interessante também. Quando o pagode começou a entrar em evidência, eu arranjei uma bateria eletrônica. Eu tinha nessa escola, ali na Escola de Música Santa Cecília, oito cordas ao mesmo tempo. Sete cavaquinhos e um banjo. O banjo tocava muito alto. Tinha volume. Então, com a sala comprida, eu botei lá perto da janela, de frente, os cavaquinhos em meia lua na frente, e a bateria eletrônica amplificada, tocando. Eu falei, vou botar um samba com um andamento mais lento. E aí eu botava. (faz sons com a boca imitando a clave do samba). E todos iam tocando, acompanhando aquela base...Aí, só que eu falava assim: "quando você tiver firme nesse samba, vocês todos, eu vou tirar o volume e vocês vão continuar tocando...e eu vou trazer a bateria eletrônica novamente, mas tem que estar sincronizado com ela. Não pode a bateria assim, de um lado, e vocês de outro. Tem que seguir caminhando..." Tem que estar sincronizado com as dois, os cavaquinhos, banjo e a bateria. Só que aí já é a percepção do cara...já era coisa que, pra ver se o cara guardava aquela informação, e como entendia aquilo, sabe? Na parada da bateria eu ficava regendo pra eles voltarem juntos com o ritmo...no início foi complicado usar isso...não deu muito certo...mas eu fui melhorando como dizer e usar aquilo e muitos se deram bem com isso. A gente ia até o fim, até acertar. Com muita repetição. O tempo todo...e todo mundo compreendendo que todos tem que ajudar todo mundo ali. Eles aceitaram aquela convicção de que ia dar certo, e deu certo.

P: O que você acha que é mais importante, e como você compreende essa interação entre o aluno e o professor, para que tenha bons resultados nesse processo de aprendizagem?

João: Tem uma série de coisas. Tem aquela coisa que ele tem que acreditar naquilo que o professor fala para ele, que aquilo vai ser bom para ele de verdade. Ele tem que acreditar. Tem que ter verdade nisso. Se ele acreditar, ele automaticamente vai saber que o professor sabe o que

está falando e que tem que confiar nele. Confiança...e ele mesmo vai te ajudar. Vai falar para os outros amigos: "Vai pelo professor, que ele sabe o que está falando! Ele está fazendo isso, e vai ajudar a gente! Se não fosse, ele não estaria fazendo". Aí, quer dizer, ele dá uma confiança para esse amigo, e o amigo acaba cooperando com outras coisas mais. Se o instrumento dele, por exemplo, está tocando, aí ele fala assim: "Poxa, essa cordinha minha fez um barulho estranho!" Aí eu já presto atenção naquilo, e quando acaba a aula, dou uma olhada no instrumento dele. Essa cordinha doida está fazendo isso por causa disso. Sempre explicando pra eles...deixa eu dar uma olhada nisso, deixa eu dar uma melhorada nisso aqui também. Não cobre nada disso, eu arrumo o instrumento pra ele aprender de verdade. Daí ele chega de casa dizendo: "Professor, eu estou conseguindo, meu cavaquinho ficou bom! Agora estou sentindo mais macio, o som está melhor". Entendeu como é o negócio? Tem que ser doar mesmo, não tem jeito, tem que ser amigo, tem que ser parceiro. Tem que tá presente na vida do menino, presente em todos os sentidos. Dentro da aula, fora da aula, e nessa relação de cuidado, amor, de carinho, essas coisas...olhar o que o outro passa e ajudar no máximo possível para que ele desenvolva.

P: Como surgiu essa ideia de consertar instrumento? Você falou que por ter esse olhar atento na vida do aluno, que ele reclamou do instrumento que está ruim, e que chega no final da aula até você para dar uma olhada, você conserta e não cobra nada. Ou seja, sendo um facilitador no processo de aprendizagem da criança. Você não faz o processo parar. A lutheria veio como um auxílio para as suas aulas ou veio por uma necessidade de vida?

João: Talvez para somar, né? Somar aquilo que eu falei. Ensinar, consertar o meu instrumento e auxiliar aqueles que não têm recurso. Eu dei aulas para muitas pessoas que não tinham recurso. No final, como a coisa cresceu tanto com o lance das igrejas, que hoje têm instrumentos eletrônico também. Eu tinha Diploma de eletrônica, consertava de tudo de música para todos... cheguei a fazer rádio-técnica, televisão, antigamente, ter até diploma disso. Feito lá trás quando trabalhava na universidade como eletricitista. Até quem me deu a bolsa na época foi a universidade. Aí, isso me ajudou muito na minha parte que já conhecia. A parte de madeiramento, instrumentos, braços, isso na prática dos anos, eu já sabia de cor como funcionava. Porque um traste tinha que ser assim, por que as peças tinham que ser ali, etc... Aí fui criando mecanismos para que o que eu fizesse, não desse nenhum efeito. Que ficasse bom. Um cavaleiro soltou? Recoloquei e acabou. Não saia nunca mais, criou uma técnica diferente para mim, sabe? Aí faço para diversas pessoas, diversos municípios. De Paraíba do sul, de Três Rios, de Xerém...de todos os lugares vem procurar aqui. Ou seja, o aluno que não tem condições de ter um instrumento, às vezes você consegue um, reforma e entrega para esse aluno estudar. Ou você já tem um instrumento que você consertou e vai emprestar, ou conserta o dela para que ela tenha um legal em casa...A primeira coisa que faço, se ela está com o seu violão, se ela comprou ele, peço para me trazer antes da primeira aula...Aí traz o violão, coloca as cordinhas no lugar direitinho, nas tarraxas dou uma lubrificada, alinhio o braço direitinho, para ela ter o melhor pra tocar. Esse melhor pra tocar é algo que vai ajudar ela no aprendizado. Consegue na escola e também quando chegar em casa...Eu utilizo esse recurso que eu tenho extra das aulas, ou seja, não é só dar aula do instrumento. Eu utilizo o recurso que eu tenho de consertar para poder ajudar nas aulas, né? Para o aluno.

P: Que material você utiliza para te auxiliar nessas aulas de música que você leciona?

João: O ouvido...(risos) Bem, hoje em dia, quase tudo que eu uso eu vou no YouTube tirar, né? Sem esses sites de cifras...Pego as letras, vou ouvir aquela canção que foi mais tocada, quem gravou, quais países que tocou, onde ela foi feita, aquela coisa toda. E a melodia dela, a harmonia, como é? Eu não posso passar uma música que João Gilberto fez daquela maneira, para um aluno que está começando a tocar. Ele vai desistir do violão no dia seguinte, né? Ele vai olhar aquela porção de acordes e vai desistir. O que eu faço? Eu chego assim e faço o seguinte. Como a minha mãe que aproveitava as peças de comida quando faltava...tinha uma carne seca que não estava

boa, ela cortava um pedaço e tirava. Do outro lado, o que estava bom, ela pegava pra gente e servia. Na música eu faço o seguinte, os acordes básicos, as cabeças de acordes, que tem que ter aquele acorde que fecha (resolução na tônica), pro principiante, é válido e importante. Então, o miolo ele vai conseguir com o passar das aulas que, daqui mês ou dois, ele vai conseguir tudo o que ele quer. Agora não consegue, então o que acontece? Se tem 60 acordes na música, eu acho que vamos tentar resolver com 6, em primeiro lugar. Se 6 é pouco, vamos esticar para 10, e vai melhorar um pouquinho mais. Ele vai chegar lá na frente, vai ter a harmonia que ele queria.

P: Você, na verdade, quando está ensinando, você ensina a partir da música, você não ensina a partir da teoria, correto?

João: No meu caso, o que faço com o principiante, eu faço mais tudo básico, sabe? Eu não entro em harmonias profundas com eles, coisas muito dissonantes. Porque eu sei que vai dar um "nozinho" nele, vai frear ele no início, entende? Não é bom. Então, o que eu faço? Tenho que dar a aquela riqueza que é aprender a tocar aquela música. Vejo a melhor maneira que posso ensinar, para ele não perder aquela vontade de tocar. Talvez aquela música vá dar um horizonte para ele. Aí eu simplifico um pouco e volto. Agora vamos engordá-la mais um pouquinho. Aqueles cantinhos que a gente não fez, vamos fazer esses acordes agora...Tudo isso num processo passo a passo de aumento de dificuldade...E aí, quando ele chega nesse certo nível de dificuldade, você já pode dizer, vamos para a próxima. Aí ele vai crescendo naturalmente, sabe? Quando você vê, ele já está tocando uma porção de música, entende? E vai chegando no ponto de tanto fazer isso que, às vezes, ele leva alguma música que ele mesmo tirou sozinho de ouvido. A gente fica feliz com isso, né? Vê que o cara cresceu, não desanimou. Acho que talvez tenha ajudado um pouco esse pessoal que estava aprendendo na época.

P: E tem alguma faixa etária que você gosta mais de trabalhar? Se sim, tem algum motivo especial? Ou você não tem isso?

João: Não tenho, porque, você vê, lá eu tenho crianças, tenho jovens, tenho adultos, senhorinhas, senhores, e pessoas da terceira idade. Quer dizer, temos todas as idades numa só escola, crianças e pessoas adultas, a vovó e o netinho estão lá estudando. Mas, no início, nem a música nem o processo mudam. Porque a criança, se você cantar, cai cai balão, vai gostar. O adulto também, porque vai voltar no tempo. A vovó também vai gostar da canção, porque ela ensinava para o netinho, e o netinho agora está aprendendo a tocar na escolinha, está tocando para ela em casa. Então, acho que se você ensinar a mesma música para a criança e para a vovó, vai agradar os dois. Para a criança, o que a gente faz? A gente já, de cara, passa o Cai cai balão, coisas de nível fácil, ele já bota os dedinhos, já tem contato com a escala numérica. Vai tocando o Cai cai balão dele...ele já ouviu essa música, está meio fora do tempo, mas ele vai tocar a música. A vovó vai cantar o Cai cai e balão dentro do tempo. Ela cantou desde que era novinha, já sabe a divisão como é. Só que depois a vovó e o netinho vão todos cantar a mesma música, e vai dar certo. Ele vai aprender a cantar igual a vovó está cantando, entendeu? Essa troca que é importante...A gente toca um trequinho, espeta o dedinho certo, para não botar o dedo errado. Aí bota o dedinho 3, o dedinho 1, cordinha 20, e vai tocando daquele jeito. A vovó o mesmo, as coisas iguais...Canta mais do que o neto. Qualquer coisa que você falar da antiga, ela sabe que é essa música. Músicas de Roda, a Seresta...a vovó sabe tudo disso. Mas ela futuramente vai cantar com o neto, o neto vai tocar junto com ela, mesmo ele sendo novo. A música é imortal, não é? Só precisa a gente acreditar nisso. Então é muito importante acreditar que aquele aluno ali vai aprender, não é? Pelo menos os alunos que tenho sempre falam isso. Tem que ter muita paciência. E lá às vezes é médico, advogado...tem um que trabalha com tatuagem...aí você vê lá na frente, depois fala pra mim que já está tocando um monte de coisas. É uma criança, um menino, que mora na minha rua, estava aqui...Todos eles tocam a mesma música.

P: Como é que você avalia os seus alunos?

João: O grau de dificuldade que ele está? Não, eu vou sempre por um prêmio para aquilo que ele está fazendo. O prêmio é o incentive, uma palavra de ânimo...às vezes aquele que já tinha tocado olhando papel e não olha para o instrumento eu fala que isso é ótimo, mas quando você toca uma notinha naquele ponto, o teu dedo te enganou. Na pegada, o dedo estava um pouquinho mais para trás. O dedo está certo, o que a notinha é mais para frente. Aí ele olha e diz: "É mesmo! Eu fiz 22, era 23!" entendeu? Aí o cara não fica chateado, e ao mesmo tempo ele fica feliz porque ele está vendo que eu estou dizendo que ele está fazendo as coisas certas. E não tem esse negócio de dar nota...É só motivação mesmo. Toda vez que ele chega, é um elogio. Quando ele sai, parabéns, cada vez melhor, tá melhorando bem. Olha, essa música que estou te dando hoje, não precisa correr...Faz no tempo que você puder. Se demorar, não tem problema. Tipo, assim, a gente respeita o tempo do aprendizado do aluno, e cada um é diferente. E ninguém é melhor que ninguém, sabe? Não falo que aquele daí é melhor, que você toca mais que o outro. Nunca falei isso, nunca vou falar. Todos tocam muito bem, todos têm os seus limites. Têm as suas limitações, não é? Porque tem aluno que não tem, assim, muitas responsabilidades em casa. Mas, as vezes, tem um senhor que tem uma relojoaria, e ele está cheio de problemas para resolver, ele foi assim mesmo na aula no outra dia. Ele levou a música, tocou a música. Do jeito dele. E tem o outro menino que tocou mais rápido que ele. Eu não posso falar que o garoto tocou melhor, não. Todos os dois só querem tocar a música da sua maneira. Porque vem de realidades diferentes, não é? Então, você tem que entender essas realidades para que aquilo ali chegue no resultado positivo. A gente tem, não tem quase tempo nem para treinar em casa, para tocar, não é? Ele corre de um lado para o outro, tem família, tem um trabalho, e por aí vai.

P: Você sempre teve isso com os seus alunos, que como outro processo de motivação das aulas é o resultado final a ser demonstrado, ser apresentado para todo mundo, correto? Ou seja, você tem uma apresentação do final dos seus alunos de ano. É chamado de show de alunos.

João: Show de alunos. E esse show de alunos também é um fator, dizer assim, motivador para o aluno estar praticando ao longo do ano. A nossa ideia sempre foi colocar crianças, jovens e pessoas a todos tocando ao mesmo tempo. O negócio é tocar junto. A música não tem idade. O ser humano também não deve ter. Ele só tem que ter certeza dessa vontade. Não importa se ele tem 5, tem 30, tem 90, não importa. Lá (na escola) tem uma foto de um senhor que tem 90 anos. Ele tá no meio dos garotos de 9, de 10 anos. Está todo mundo junto. A gente vai preparando durante um ano, como vai ser a apresentação. Porque nessa apresentação a gente faz questão de chamar quem tem esposo, tem esposa, leva. Quem tem filho, leva seus filhos. O primo se quiser, a filha se quiser, leva todo mundo. Vai ter a família participando do processo. Aí eu falo: "Vai ter a família de vocês, que só vão aplaudir vocês, jamais vaiar vocês no dia. Vão sempre aplaudir, mesmo que no dia seja diferente daquilo que esperavam. Vão sempre aplaudir vocês. Então eles estarão sentados esperando você aparecer. Isso acaba sendo outra motivação para ele praticar também, ou seja, ele vai estar com as famílias, com todo mundo. No dia da apresentação, decidem, cada um faz a sua participação. O senhor de 90 vai cantar uma música. A menina do violão vai acompanhar ele, o outro menino vai fazer um chocalho. Quer dizer, um senhor, um adolescente, uma criança. Se tiver uma outra senhora que sabe tocar alguma coisa também, então um casal de senhores, um adolescente e uma criança.

P: Você foi vendo também, ao longo do processo, que tinham pessoas sem aptidão para o instrumento. E aí, o que você fez para essa pessoa não deixar de participar do processo?

João: Pô, esse aqui não está aprendendo, como é que eu vou fazer para deixá-lo dentro da música? A gente faz aquela música bem fraca, bem com pouca harmonia, dois, três acordes. Mas aí o garoto é bom de batoque, e com corda ele não se dá bem. Mas ele batuca bem e você vê que ele tem ritmo. Aí eu o aproveito na jornada. Digo: "Eu vou deixar você fazer essa parte da percussão, mas eu preciso que você faça essa parte no violão, no cavaquinho". Aí eu o aproveito de um lado e ele me ajuda do outro. A percussão entrou depois, nas aulas, entrou quando chamei o Anderson Sabadine (professor de percussão) para dar essas aulas no projeto com a gente. E aí já fazia isso, ou seja, pegava o aluno...Você vai tocar o pandeiro, mas você tem que tocar também o cavaquinho.

P: O que o professor precisa ter para que suas aulas fluam e você consiga ensinar a essas pessoas o conteúdo, como você faz?

João: Acho que a parte teórica é mais demorada. Até o aluno pegar aquilo que é o estudo da teoria, é bem demorado. Como o grande lance é ensinar o cara tocar um instrumento. Tudo que ele quer é tocar e cantar. Então eu acho que, para mim, o que eu faço sempre foi fazer a parte prática com eles. Ensinar a tocar, cantar. Como é que eu divido uma música, esperando o tempo certo com as frases em cima da música, explicando a ele como é que faz isso na prática. E se ele levasse o jeito pra isso, mais tarde ele poderia fazer uma aula paralela em teoria, e do outro lado, na prática, que tudo fica de boa. Então, a melhor forma para eu trabalhar dando aula é através da prática. E os recursos...Você ter os instrumentos, ter um espaço, ter uma infraestrutura mínima para fazer...Mas isso também não impede de dar aula, não é? Estou nessa aula aí desde 1980, que eu comecei a fazer isso. Eu estive na Paula Barbosa, estive na sala em cima das Casa Bahia, estive na Esola Santa Cecília, e agora estou na OMB (Ordem do Músicos do Brasil)

P: Na sua opinião, o que você considera ser a função principal de um professor de música numa escola? O que ele tem de ter de principal para que ele possa dar suas aulas e ter bons resultados numa escola?

João: No seu caso, por exemplo, acho que você é um cara que já vem lá de trás, tem muita prática, tem muito conhecimento de teoria já, ainda está fazendo faculdade de música, vai ser professor. Você já pegou a estrada, a estrada ruim, cheia de buraco, cheia de pedra, com caminhãozinho sacudindo...Hoje você está numa estrada bem mais ampla, já foi recapeada, já tem a estrada escolhida. E você está pronto porque você esteve a estrada da vida, você se preparou. Você tocou em chorinhos, tocou em clubes, tocou com artistas conhecidos, e hoje está estudando numa faculdade, e é um professor de música. Acho que se o aluno tem um professor igual a você, vai ter assuntos, tem que conversar com o aluno. *Então, o importante para você de um professor de música é que ele tenha vivência, para que ele possa ter um diálogo mais rico com o aluno.* Tem que ter história para contar. Às vezes, a história que você tem do artista, o cara é fã e admirador, desse artista que você está se referindo e o interesse por determinada música acontece. Então, quando a história é boa, e o professor tem estrada e tem aquela meta de fazer, ele pode ser um dos melhores. Eu nunca fiz faculdade de nada, não tive professor de música, não sou formado em música, mas o cara que mais teve alunos na cidade de Petrópolis, acho que fui eu. Só na sala da Paulo Barbosa (rua do centro de Petrópolis/RJ) eu tinha mais de 100 alunos. Mais de 100. Eu e Eliana não dávamos conta de tanta gente. Acho que o nosso curso era bom, né?! Porque o pessoal ia pra tocar...

P: Para a gente finalizar, eu queria que você me desse um depoimento, um depoimento que você considera muito importante nessa sua trajetória enquanto professor.

João: É, muitos me emocionam....do lugar que eu vim, na dificuldade que foi, eu soube que...o reconhecimento é algo muito importante. Quando eu desci aqui na minha casa, foi coisa de meses atrás, um rapaz que trabalha próximo da Câmara Municipal me parou e falou assim: "Parabéns,

hein?!" Mas, parabéns de quê? - disse a ele. "Pô, o senhor não viu o jornal não? Tu estás no jornal como criador de um projeto que beneficiou mais de 500 crianças da rede pública de ensino, que durou 16 anos, e a Câmara quer que você volte com ele. E esse dinheiro do projeto parece que os moradores já pediram, o governo federal vai pagar, vai ter que voltar, estará 100% no seu trabalho. Aí aquilo me bateu com um orgulho sabendo que poderia dar continuidade, melhorando o projeto, e que foram as pessoas que pediram pra voltar. Pô, se eu voltar, o projeto vai ter que voltar com um universitário comigo, que vai ensinar as crianças a ler, e o instrumentos que não tinha, vou colocar, e o conhecimento que eu não tinha das coisas, agora ia acontecer. Aí essa mensagem foi boa, que eles querem voltar com o projeto, a pedido dos vereadores, a maior parte votou a favor. Na semana passada eu estive aqui na cidade, ali no centro, aí um cara lá do Alto da Independência (bairro) parou a gente e falou: "Olha, eu estava na câmara na hora que o vereador levantou, falou sobre o projeto. Foi lindo!"

P: E qual a mensagem final que você deixaria, você, Joãozinho do Cavaco, que você deixaria para o Joãozinho do Cavaco, lá na frente?

João: Para ele continuar fazendo tudo o que faz, só que é o seguinte...na nossa vida temos de pensar que a idade da gente chega. A gente tem de entender que lá na frente não vai ser aquele professor que sobe a escadaria correndo, que desce a escadaria correndo. Se está dando dez aulas por dia, vai passar a dar cinco. Às vezes vai dar só três. Então, tem de entender o seguinte, se preparar, procurar o agora no momento, se preparar para o futuro. Quando chegar a idade para você curtir aquilo que você plantou, é como a plantinha, esperar ela crescer. Acho que é isso que precisa, não esquecer disso aí, que isso aí é infalível. Sempre está regando essa plantinha. Tem de ser. Para os outros, eu falo isso. Se prepare, porque um dia vai trocar, você vai estar nesse lugar e vai chegar outros jovens, mas você já está arrumado, você fez as coisas certinhas lá na frente.



FIGURA 11 – Guto Menezes e Joãozinho do Cavaco na master class do projeto “Cinquenta por quatro” pela Prefeitura de Petrópolis/RJ. 2017.